

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS MODERNAS**

CAROLINE WINGE

***O LIVRO DA DUQUESA: TRAZENDO UMA ELEGIA MEDIEVAL PARA O
PÚBLICO JOVEM BRASILEIRO***

**PORTO ALEGRE
2022**

CAROLINE WINGE

***O LIVRO DA DUQUESA: TRAZENDO UMA ELEGIA MEDIEVAL PARA O
PÚBLICO JOVEM BRASILEIRO***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Sandra Sirangelo Maggio

Porto Alegre,
Outubro 2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

REITOR

Carlos Bulhões

VICE-REITORA

Patrícia Pranke

DIRETORA DO INSTITUTO DE LETRAS

Carmen Luci Costa e Silva

VICE-DIRETORA DO INSTITUTO DE LETRAS

Márcia Montenegro Velho

CHEFE DA BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANIDADES

Luziane Graciano Martins

CIP - Catalogação na Publicação

Winge, Caroline
"O Livro da Duquesa": trazendo uma elegia medieval
para o público jovem brasileiro / Caroline Winge. --
2022.
79 f.
Orientadora: Sandra Sirangelo Maggio.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Letras, Bacharelado em Letras: Tradutor Português e
Inglês, Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. literatura inglesa. 2. Geoffrey Chaucer. 3. O
Livro da Duquesa. 4. estudos de tradução. I. Maggio,
Sandra Sirangelo, orient. II. Título.

CAROLINE WINGE

***O LIVRO DA DUQUESA: TRAZENDO UMA ELEGIA MEDIEVAL PARA O
PÚBLICO JOVEM BRASILEIRO***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, 15 de outubro de 2022.

Resultado: Aprovada com conceito

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Luana Hastenteufel Vogel
Mestranda do PPG Letras UFRGS

Profa. Natália Pacheco Silveira
Mestranda em Letras pelo PPG Letras UFRGS

Profa. Dra. Sandra Sirangelo Maggio (orientadora)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

AGRADECIMENTOS

Obrigada a todos que me acompanharam nesses anos de universidade, tanto àqueles que ainda estão comigo, quanto àqueles com quem perdi contato durante a pandemia. Foram ótimos momentos. Obrigada a minha irmã e meus amigos pelo riso, e à minha avó por todo o apoio e os mimos.

Em memória de Leonardo Vidal. Agradeço pelas ilustrações maravilhosas que fez para acompanhar a história.

APOIO DE FINANCIAMENTO EM PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

Meus estudos durante o período de graduação, bem como o presente trabalho, contaram com o apoio financeiro parcial do Programa de Iniciação Científica da Pró-reitoria de Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PROPESQ UFRGS). / *This study was financed in part by the* Pró-reitoria de Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PROPESQ UFRGS).

APOIO DE FINANCIAMENTO SEAD

Meus estudos durante o período de graduação, bem como o presente trabalho, contaram com o apoio financeiro parcial da Secretaria de Ensino à Distância da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (SEAD UFRGS) / *This study was financed in part by the* Secretaria de Ensino à Distância da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (SEAD UFRGS).

*“Tell me, good sir, the how and why
And wherefore, all the tale’s distress,
Of how you lost your happiness.”*

Geoffrey Chaucer, “The Book of the Duchess”

RESUMO

“O Livro da Duquesa” é uma elegia escrita no século XIV por Geoffrey Chaucer, poeta oficial da corte inglesa, para homenagear a falecida Duquesa Blanche de Lancaster. Com o passar do tempo, a obra foi traduzida do inglês médio para o inglês moderno, além de adaptada para o formato de prosa. Com o intuito de aumentar o alcance da obra junto a leitores brasileiros, produzi uma adaptação em prosa, com público-alvo infantojuvenil, a qual vem apresentada no apêndice como produto final desta monografia. As leituras de base para minha adaptação foram as traduções para o inglês moderno de Gerard NeCastro e de Brian Stone; como lastro de apoio, utilizo as reflexões de Hutcheon e de Oittinen a respeito da adaptação e sua relação com a tradução, principalmente à luz de conceitos do funcionalismo de Nord e da teoria do escopo de Vermeer e Reiss, que privilegiam a função e objetivo da tradução, em vez de noções de equivalência ou fidelidade devidas ao texto-fonte. Já para estabelecer as ligações com as práticas e costumes da época de produção do poema, recorro à obra *The Life and Times of Geoffrey Chaucer*, de John Gardner. Esta monografia se estrutura em dois capítulos. O primeiro traz as informações que considero importantes para se entender o contexto do poema de Chaucer, assim como minha escolha de chamar o texto que produzi de adaptação. O segundo capítulo discute as formas como procurei resgatar ou preservar, na medida do possível, aspectos importantes para a compreensão da história. Espero que o texto produzido se mostre interessante e acessível para o público jovem, e que a monografia que o precede tenha utilidade para a comunidade acadêmica, assim como para professores que, um dia, desejem trabalhar este texto com seus alunos.

Palavras-chave: Literatura inglesa. Geoffrey Chaucer. “O Livro da Duquesa”. Estudos de tradução.

ABSTRACT

“The Book of the Duchess” is an elegy written in the 14th century by Geoffrey Chaucer, official poet in the English court, in memory of the deceased Duchess Blanche of Lancaster. With the passage of time, the poem was translated from Middle English to Modern English, besides being adapted to prose. Aiming to broaden the reach of this work among Brazilian readers, I created a prose adaptation of it for a young target audience. This adaptation is appended at the end of the monograph. The works used as a base to create mine were Gerard NeCastro’s and Brian Stone’s translations to Modern English; as theoretical support, I use Hutcheon’s and Oittinen’s reflections on adaptation and its relationship with translation, especially in the light of notions from Nord’s functionalism and Vermeer and Reiss’ *skopos* theory, which favor the function and the goal of the translation, instead of ideas of equivalence or fidelity owed to the source text. To establish the references to practices and habits from the time the poem was written, I resort to John Gardner’s *The Life and Times of Geoffrey Chaucer*. This monograph is divided in two chapters. The first one contains the information I find important to understand the context of Chaucer’s poem, as well as the reasoning behind my choice of calling my creation an adaptation. The second chapter discusses the ways I sought to retrieve or maintain, as most as possible, aspects of the work that were important to understanding the story. I hope the resulting text proves to be interesting and accessible to a young audience, and that this monograph that precedes it is useful for the academic community, as well as to teachers that wish, some day, to study it in the classroom.

Keywords: English Literature. Geoffrey Chaucer. “The Book of the Duchess”. Translation studies.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. AUTOR, OBRA E CONTEXTO	12
1.1 Contextualização Histórica	12
1.1.1 A Peste Negra	13
1.1.2 A família real	14
1.1.3 A Guerra das Rosas	15
1.2 Geoffrey Chaucer	16
1.2.1 A família Chaucer	16
1.2.2 Poeta da corte	17
1.3 “O Livro da Duquesa”	18
1.3.1 Sinopse e estrutura	18
1.3.2 Origem do poema	20
1.3.3 Do século XIV aos dias de hoje	21
1.3.4 Tradução do inglês médio ao inglês moderno	23
1.4 Adaptação ou Tradução?	24
1.4.1 Uma diferença de ponto de vista	24
1.4.2 Características comuns às adaptações em <i>O Livro da Duquesa</i>	25
2. COMENTÁRIOS SOBRE A ADAPTAÇÃO	27
2.1 A Psicologia em “O Livro da Duquesa”	27
2.1.1 A psicologia na Idade Média	28
2.1.2 A cena da caçada em “O Livro da Duquesa”	29
2.1.3 Solução encontrada na adaptação	30
2.2 A Cultura Letrada Medieval	32
2.2.1 Acréscimo de explicações	33
2.2.2 Modificações mantendo o sentido geral	34
2.2.3 Exclusão da referência	35
2.2.4 Deus do sono ou deus dos sonhos?	35
2.3 Coerência Interna da Obra	36
2.3.1 Morfeu e o corpo de Ceix	36

2.3.2 A nudez do narrador	37
2.3.3 Transição do quarto para a caçada	38
2.4 Ilustrações	38
2.4.1 A importância da imagem em obras ilustradas	39
2.4.2 As ilustrações em <i>O Livro da Duquesa</i>	40
CONCLUSÃO.....	42
REFERÊNCIAS	44
APÊNDICE: <i>O LIVRO DA DUQUESA</i>	46

INTRODUÇÃO

Geoffrey Chaucer foi um poeta da corte inglesa, considerado um dos mais importantes autores do século XIV. É conhecido mundialmente pela obra *Os Contos de Cantuária*, uma coleção de histórias narradas pelas personagens durante uma peregrinação a Cantuária. Também se destacou por não escrever em latim ou francês – as línguas do clero e da corte, respectivamente – mas sim no dialeto local, que hoje é chamado de Inglês Médio, para o qual traduziu poemas franceses e clássicos de filosofia e teologia, além de redigir diversos poemas de autoria própria, entre eles “O Livro da Duquesa” (“The Book of the Duchess”, no original), de que trata esta monografia.

“O Livro da Duquesa” é o poema com que fui apresentada a Chaucer na disciplina de Literatura Inglesa I do curso de Bacharelado de Letras da UFRGS em 2019. Lida na tradução em prosa, para o inglês moderno, de Gerard NeCastro (2017), a história me marcou pela sua atmosfera sonhadora, de caráter fantástico, assim como pela temática de amor e luto. A versão inicial da adaptação contida no apêndice foi escrita como trabalho final para essa disciplina, mas, mais tarde, conforme eu continuava o projeto durante a pandemia do Coronavírus, outras características do poema e do contexto de sua produção também garantiram que a obra ganhasse espaço na minha memória desses anos, trazendo-me reflexões a respeito do momento em que eu vivia.

O poema é uma elegia dedicada à duquesa Blanche de Lancaster, que teria morrido durante uma das epidemias de Peste Negra na Europa do século XIV. Nele, um narrador, frequentemente associado com o próprio Chaucer, descreve uma série de acontecimentos relacionados a um sonho que teve, em que encontra – ou lhe são mencionadas – personagens representando a falecida duquesa e seu marido, John de Gaunt, o terceiro filho do então rei da Inglaterra, Edward III. A obra costuma ser entendida como uma tentativa de consolar John de Gaunt, que era patrono de Chaucer, após a morte da esposa.

Somando meu interesse pessoal ao fato de “O Livro da Duquesa” ser, no Brasil, uma obra menos conhecida do autor, da qual ainda não se encontra uma tradução publicada, resolvi adaptar o poema para uma versão resumida em prosa, para público-alvo infantojuvenil. Esta escolha foi feita pensando no fato de que gerações mais jovens no Brasil estão mais próximas de ambientes narrativos ligados à Idade Média, devido ao seu contato com jogos de computador e romances de fantasia que privilegiam esses cenário e momento histórico. Para esses leitores, há a produção textual contida no apêndice, sem maiores

..1 A menos quando explicitado de outra forma, as informações sobre o autor e o contexto vêm da leitura da biografia *The Life and Times of Geoffrey Chaucer*, de John Gardner (2010).

explicações ou notas de rodapé, para não prejudicar a imersão na leitura, que precisaria ser interrompida frequentemente para consultar essas informações. A análise de trechos e elementos que se tornaram cifrados para um leitor contemporâneo de “O Livro da Duquesa” vem apresentada nesta monografia, para os leitores universitários que tiverem interesse nesse processo de adaptação. Afinal, estamos separados da Inglaterra de Chaucer por – geograficamente – um oceano e – temporalmente – mais de 600 anos de distância. Para contornar essa dificuldade, foram usadas diversas estratégias como inserção de explicações no texto ou, no sentido contrário, exclusão de passagens muito carregadas de referências à cultura da época. Mesmo assim, certas informações foram difíceis ou até mesmo impossíveis de retomar, levando em conta a decisão de criar um texto que fosse, em primeiro lugar, agradável de ler para um público jovem.

No caso da obra contida no apêndice, prefiro usar o termo “adaptação”, baseando-me em considerações apontadas por Hutcheon (2013) e Oittinen (2002), apesar das discussões acerca do tema de adaptação *versus* tradução. Não seria a adaptação também um caso de tradução, a partir do momento em que as teorias de tradução deixam de focar em conceitos como o de fidelidade ao texto-fonte, privilegiando outros aspectos, como a sua função, mesmo que o conteúdo seja modificado? Isso será discutido mais adiante.

Para a criação desta adaptação de “O Livro da Duquesa”, foram consultadas não apenas a tradução em prosa de NeCastro (2017), mas também o livro *Love Visions* (2006), que inclui outra tradução para o inglês contemporâneo, esta em forma de verso, produzida por Brian Stone e publicada pela Editora Penguin. Em certos trechos específicos, para conferir detalhes da história, recorri ao poema em inglês médio, editado por Skeat (1888), na versão de domínio público disponibilizada pelo Projeto Gutenberg.

Na Inglaterra medieval de Chaucer, poemas como “O Livro da Duquesa” eram feitos para serem lidos na corte diante de uma extensa plateia, então tinham a dupla finalidade de encantar os ouvintes mais intelectuais com referências – científicas e literárias, por exemplo – e de apresentar algo capaz de entreter os demais espectadores, para quem as alusões e intertextualidade passariam despercebidas (GARDNER, 2010). Da mesma forma, eu espero que a adaptação discutida neste trabalho seja capaz de manter o interesse daqueles que conhecem a obra de Chaucer e seu contexto, incluindo, na medida do possível, as referências necessárias para se interpretar a história, ao mesmo tempo a transformando em um texto acessível para o público em geral.

..1 A menos quando explicitado de outra forma, as informações sobre o autor e o contexto vêm da leitura da biografia *The Life and Times of Geoffrey Chaucer*, de John Gardner (2010).

Este trabalho está dividido em duas partes. O primeiro capítulo compreende a contextualização de “O Livro da Duquesa” e da adaptação: informações sobre o autor, a obra e a época em que foi escrita, as transformações pelas quais o texto passou até chegar no presente e teorias de adaptação. O segundo capítulo é composto de comentários sobre o processo de escrita da adaptação.

1. AUTOR, OBRA E CONTEXTO

1.1 Contextualização Histórica

Chaucer nasceu e viveu na Inglaterra durante o século XIV, ou seja, no momento histórico conhecido como Idade Média, uma época marcada pelo feudalismo e pela forte influência da Igreja nos costumes, crenças e vida diária da sociedade. No feudalismo, a economia era primariamente agrária e rural, com a terra sendo a principal fonte de riqueza, controlada pela nobreza, e a maior parte da população vivendo presa à terra no regime conhecido como servidão. Dentro da nobreza, também havia uma hierarquia baseada na ideia de vassalagem, em que nobres de menor *status* deviam lealdade e auxílio militar a outros de maior *status* social, culminando na figura do rei.

No entanto, na Inglaterra de Chaucer, esse sistema político, social e econômico já estava começando a mudar, para mais tarde dar origem à chamada Idade Moderna. As cidades estavam crescendo; além da produção agrícola, o comércio também já era uma fonte importante de riqueza, e estava surgindo a classe social da burguesia, composta por mercadores, comerciantes e outros profissionais urbanos. Aos poucos, a nobreza ia à falência, contraindo dívidas com os burgueses para manter seu estilo de vida luxuoso, e a burguesia ganhava mais influência, embora seu poder ainda fosse bastante restrito por não pertencerem à classe nobre.

O século XIV, mais especificamente, foi um momento tumultuado em que a Europa estava sendo assolada por constantes desastres, como guerras, revoltas de servos, perda de colheitas e surtos de peste bubônica, também chamada de Peste Negra. Esse é o contexto em que Chaucer escreveu suas obras e, mesmo quando isso não fica imediatamente óbvio para nós, leitores contemporâneos, a época em que viveu o autor influenciou seus poemas profundamente, inclusive no caso de “O Livro da Duquesa”.

Visto que, ao se estudar a literatura de outros tempos, ainda mais daqueles tão distantes de nós, como a Idade Média, pode ser fácil confundir ou perder de vista o contexto histórico de sua criação, nesta seção apresento uma breve explicação de alguns pontos relevantes para o poema que escolhi trabalhar. Estes são a Peste Negra, a situação política da corte inglesa e um acontecimento histórico famoso pouco posterior à época de Chaucer – a Guerra das Rosas – para ajudar a situar o autor, sua obra e as figuras históricas do poema na linha do tempo.

1.1.1 A Peste Negra

O principal acontecimento histórico que se deve ter em mente para entender o contexto de “O Livro da Duquesa” – responsável pela própria criação do poema – é a eclosão da peste bubônica na Europa. Essa doença, oriunda da Ásia, se alastrou pelo continente seguindo as rotas de comércio mundiais da época, até chegar na Inglaterra. Transmitida pelas pulgas presentes em ratos e outros animais, a peste bubônica era extremamente contagiosa também para os seres humanos, e ainda não se tinha os meios para tratá-la de forma efetiva. A medicina medieval se encontrava em estado pouco avançado, e a situação sanitária na Europa durante esse período era precária, o que aumentava os riscos de contágio. Assim, a peste bubônica se transformou em uma epidemia que assolou a Europa durante todo o século, tendo entre suas vítimas tanto servos e burgueses quanto membros da própria nobreza, sem distinções.

Também é importante notar que a Peste Negra, embora seja tratada no singular como um acontecimento histórico, não foi um único evento de longa duração, persistindo por um século inteiro, mas sim uma série de surtos da mesma doença que se repetiam de tempos em tempos. Para se citar dois exemplos, Chaucer perdeu boa parte de sua família para a peste bubônica na infância, o que tornou possível que seus pais saíssem de uma região mais campestre e se estabelecessem em Londres com a herança recebida, que incluía imóveis nessa cidade. Ao descrever a infância do autor, baseando-se nos registros históricos existentes, Gardner (2010) comenta, inclusive, que a história da literatura inglesa poderia ter sido muito diferente se Chaucer não tivesse passado seus primeiros anos de vida afastado de Londres, onde só viria a residir mais tarde devido a esse acaso, pois os níveis de mortandade na capital inglesa eram altos.

Por outro lado, como segundo exemplo, Chaucer e seus pais conseguiram viver em Londres por diversos anos, até que o poeta chegasse à vida adulta, sem serem acometidos pela peste bubônica. Foi uma nova onda da doença, ressurgindo quando Chaucer já era adulto e estava trabalhando para a corte inglesa, que causou a morte da Duquesa Blanche de Lancaster e motivou a escrita de “O Livro da Duquesa” em sua homenagem.

Ao todo, estima-se que a peste bubônica tenha dizimado dois quintos da população europeia, o que acabou influenciando, ainda, a derrocada do sistema feudal devido às mudanças populacionais decorrentes da peste. Além de trazer perdas pessoais e populacionais, a peste bubônica também provocou consequências na economia e na organização social e política da Europa. O número de mortes estimado tornou insustentável o sistema de servidão

vigente na época, que dependia de grande quantidade de mão-de-obra trabalhando nas terras para o sustento da nobreza. Como consequência da peste, somada à perda de colheitas por volta da mesma época, a Inglaterra testemunhou a eclosão de revoltas dos servos, que exigiam maior liberdade, assim como pagamento pelo seu trabalho.

1.1.2 A família real

A carreira de Chaucer foi construída na corte, como poeta, diplomata e funcionário da Coroa inglesa, então vale a pena mencionar o estado da monarquia nesse momento da história, inclusive porque o mecenas de Chaucer, John de Gaunt, era um dos filhos mais novos do rei. Até certo ponto, o poeta também estaria envolvido com os acontecimentos e a situação política da família real da Inglaterra, pois era afetado por esses fatores, visto que o seu sustento dependia de seu trabalho para a família real.

Durante a infância e boa parte da vida adulta de Chaucer, o rei da Inglaterra foi Edward III, que reinou de 1327 a 1377, um monarca popular devido às suas vitórias militares na juventude, como na Guerra dos Cem Anos, contra a França. Nas últimas décadas de seu reinado, porém, acredita-se que o rei já estaria senil e era alvo de críticas devido aos seus gastos, sua amante Alice Perrers – advinda da burguesia londrina – e às dívidas que contraía com mercadores. Esse último ponto também serve de exemplo para o já mencionado declínio do sistema feudal. A burguesia estava se tornando mais rica que a nobreza, a ponto de um rei depender dos empréstimos de comerciantes para manter seu estilo de vida.

O príncipe em linha direta de sucessão ao trono, quando Edward III morresse, também se chamava Edward, mas este nunca chegou a reinar. Ainda jovem, contraiu uma doença – possivelmente a peste bubônica – e faleceu antes do pai, deixando um filho ainda criança, Richard, como herdeiro.

Como consequência, tanto nos anos finais do reinado de Edward III, quanto no período de regência, quando Richard ainda não tinha idade para governar, quem dirigia o reino era, em conjunto com um conselho, um dos outros filhos de Edward III – e tio de Richard – John de Gaunt, ninguém menos que o mecenas de Chaucer. Embora não fosse muito popular aos olhos do povo e não estivesse em linha direta de sucessão ao trono, John de Gaunt detinha grande quantidade de terras, riqueza e influência política, inclusive devido ao seu casamento com Blanche, filha do Duque de Lancaster, cujo título herdou após a morte da esposa. John de Gaunt era, portanto, uma figura muito importante na Inglaterra do século XIV.

Isso significa que Chaucer estava ligado, não apenas à corte inglesa, mas também a um membro da própria família real e uma poderosa figura política daquele momento histórico. Era uma posição desejável para um poeta alcançar na época, que trazia consigo muitos benefícios, pois a vida e obra dos artistas da corte eram financiadas pelos seus mecenas.

1.1.3 A Guerra das Rosas

Portanto, Chaucer e sua obra podem ser situados na linha do tempo como contemporâneos à Peste Negra e, em certa medida, à Guerra dos Cem anos, envolvendo a Inglaterra e a França. Contudo, outro acontecimento que seria interessante de se mencionar como marco histórico é a Guerra das Rosas. Esse conflito é algumas décadas posterior à morte de Chaucer, dado que eclodiu no século XV, mas é um bom exemplo para conectar o poeta e sua época com acontecimentos posteriores e mais famosos da história inglesa, ajudando-nos a situar Chaucer na linha do tempo, pois a Guerra das Rosas vem como consequência direta de eventos ocorridos durante a sua vida. Afinal, esta guerra está relacionada a algumas das figuras históricas citadas há pouco, inclusive às personagens que aparecem em “O Livro da Duquesa”: John de Gaunt e sua esposa, a Duquesa Blanche de Lancaster.

Como já foi visto, após a morte de Edward III e um período de regência, ascendeu ao trono da Inglaterra Richard II. Todavia, ele reinou por pouco tempo, pois logo foi deposto por seu primo Henry Bolingbroke – filho de John de Gaunt e Blanche de Lancaster – que se tornou, com isso, o rei Henry IV. A deposição de Richard II daria origem à Guerra das Rosas (1455–1487), pois a Inglaterra agora estava sob o comando da Casa de Lancaster, mas os nobres da Casa de York, representada pela rosa branca – os descendentes de Richard II – não estavam satisfeitos com a mudança de governo. Isso causou a guerra entre os dois ramos da nobreza inglesa, que, no fim, como se percebe, eram dois ramos da família real, parentes próximos lutando entre si pela coroa.

Portanto, a Casa de Lancaster, simbolizada pela rosa vermelha, de que se fala ao tratar da Guerra das Rosas, são os descendentes das figuras históricas representadas em “O Livro da Duquesa”. Seguindo o curso da história até o término da Guerra das Rosas, também vemos a ascensão de Henry VIII ao poder porque, por ser descendente tanto da casa de Lancaster quanto da de York, era capaz de enfim uni-las e pôr fim ao conflito. O famoso rei Henry VIII, portanto, também foi um descendente, embora mais distante, das personagens que encontramos no poema de Chaucer.

1.2 Geoffrey Chaucer

Geoffrey Chaucer nasceu por volta de 1340 e morreu no ano de 1400. Para a época, isso significava uma vida longa, dado que, como visto, o século XIV foi marcado por diversas dificuldades: guerras, revoltas, desastres naturais e epidemias.

Por vários anos, Chaucer foi casado com Philippa Roet, filha de um cavaleiro, com quem teve alguns filhos. Posteriormente, a irmã de Philippa – Katherine – também se casou com o mecenas de Chaucer, John de Gaunt, tornando-os concunhados.

Quanto às suas obras, seis décadas de vida permitiram a Chaucer compor diversos poemas, hoje consideradas clássicos da literatura inglesa, embora, dentre eles, alguns tenham ficado inacabados. Os *Contos de Cantuária* são um exemplo disso.

Para que se entenda um pouco melhor quem foi Chaucer, qual era sua posição na sociedade de sua época e como alcançou uma carreira na corte, nesta seção apresentarei alguns detalhes da biografia do autor, focando em sua família e em seu trabalho como poeta da corte inglesa.

1.2.1 A família Chaucer

Conforme já foi mencionado, Geoffrey Chaucer advinha da burguesia, cujos membros mais influentes eram os grandes mercadores e comerciantes que estavam em ascensão na Inglaterra do século XIV. Eram membros relativamente importantes da sociedade, que já detinham boa parte da riqueza no país. Muitos burgueses, porém, também eram fornecedores e funcionários menores da corte, que trabalhavam para a nobreza. De qualquer forma, a ascensão social dos burgueses era limitada pelo fato de não pertencerem à nobreza, que controlava o governo e a posse de terras.

Os registros históricos relacionados à família de Chaucer se limitam a umas poucas gerações antes do nascimento do poeta, mas, de acordo com eles, a família Chaucer já teria certa ligação com a corte inglesa, como funcionários do governo, há algum tempo. O avô do poeta, Robert Chaucer, teria trabalhado para o mordomo do rei e arrecadando impostos mercantis, um dos trabalhos que seu neto, mais tarde, também cumpriu para a Coroa inglesa. Os pais de Geoffrey Chaucer, John e Agnes, também estavam ligados a funcionários da corte, além de a atividades comerciais. Antes do casamento com o pai do autor, Agnes Chaucer fora casada com um parente do camareiro do rei. Já John Chaucer era um comerciante de vinhos.

Portanto, embora a família Chaucer não fosse consideravelmente importante ou influente, teria contatos na corte inglesa devido ao seu círculo social, o que pode ter ajudado

Geoffrey Chaucer a começar a sua carreira. Documentos históricos, apesar de não deixarem clara a função de Chaucer inicialmente, mostram que ele teria trabalhado para a família real inglesa desde jovem, talvez como pajem ou valete, na residência da Condessa de Ulster. Mais tarde, Geoffrey Chaucer se tornou poeta da corte, sob a patronagem da Duquesa Blanche de Lancaster, traduzindo versos franceses para sua mecenas, antes de, enfim, escrever sua primeira obra original, “O Livro da Duquesa”, após a morte de Blanche de Lancaster e em homenagem a ela.

1.2.2 Poeta da corte

Durante a Idade Média, era comum que artistas – músicos, poetas, pintores e escultores – tivessem um mecenas, ou seja, um “patrocinador”, dentre a nobreza, ou até mesmo dentro da própria família real. Este mecenas garantia o sustento do artista, que, em troca, providenciava entretenimento cultural no ambiente da corte, assim como, em certos casos, propaganda para o seu mecenas.

Chaucer começou sua carreira como poeta da corte sob a patronagem da Duquesa Blanche de Lancaster. Antes da criação de “O Livro da Duquesa”, tem-se diversas traduções feitas por Chaucer para a Duquesa a partir de poemas franceses. Como obra mais extensa traduzida por Chaucer nessa época – e cuja tradução foi a mais popular – encontra-se *O Romance da Rosa*, traduzido por Chaucer pouco tempo antes de escrever “O Livro da Duquesa”. Essas duas obras, ambas bem recebidas na época, foram seus primeiros passos para ganhar o destaque que teria mais tarde em sua carreira. Mesmo em vida, Chaucer já era considerado um dos principais poetas de língua inglesa.

Após a morte de Blanche de Lancaster, John de Gaunt, marido da falecida Duquesa, se tornaria o mecenas de Chaucer, para quem este escreveu “O Livro da Duquesa”, não só para homenagear sua antiga mecenas, mas também, conforme se acredita, como tentativa de consolar John de Gaunt pela morte da esposa. Mais tarde, vieram diversos outros poemas, como “The House of Fame”, “Parliament of Birds” e “Troilus and Criseyde”, sem contar os próprios *Contos de Cantuária* inacabados. Depois da criação de “O Livro da Duquesa”, conforme a fama de Chaucer crescia, o poeta também conseguiu trabalhos como diplomata, coletor de impostos e fiscal de obras, por exemplo, criando uma carreira na corte inglesa a partir disso.

Sua relação de patronagem com John de Gaunt se manteria por quase toda a vida e, como já foi dito, mais tarde ambos também se tornariam parentes por casamento, dado que

suas esposas eram irmãs. Chaucer perdeu seu mecenas apenas no final da vida, pois John de Gaunt faleceu alguns anos antes de Chaucer, embora também ao fim do século XIV.

1.3 “O Livro da Duquesa”

Então chegamos a “O Livro da Duquesa” a obra de Chaucer que é o assunto desta monografia. Nesta seção, entrarei em mais detalhes sobre o poema, antes de discutir a sua adaptação em si.

Apesar de o contexto histórico da obra compreender a seção anterior, a análise do poema é inseparável do contexto de sua produção, então eu gostaria de reiterar alguns detalhes relacionados à origem de “O Livro da Duquesa” com a Peste Negra e a morte de Blanche de Lancaster, assim como a presença da duquesa e de seu marido, mesmo que de maneira velada, na narrativa. Em primeiro lugar, porém, também apresentarei um resumo do poema e de sua estrutura, bastante distinta dos gêneros literários a que estamos acostumados hoje. Por fim, discutirei as mudanças pelas quais esta obra passou desde o século XIV até o presente.

1.3.1 Sinopse e estrutura

“O Livro da Duquesa”, embora escrito em forma de verso – um tipo textual que, atualmente, não costumamos associar a narrativas mais longas – conta uma história centrada no sonho curioso que teria ocorrido ao narrador certa noite. Esse detalhe faz com que o poema se enquadre no gênero medieval conhecido como *Dream Vision*, ou seja, uma obra que, literalmente, descreve uma visão que o narrador teve em sonhos. É uma característica que se repete na própria obra de Chaucer em outros poemas, como “House of Fame” e “The Parliament of Birds”.

Seguindo a lógica simbólica de um sonho, “O Livro da Duquesa” é composto por uma sequência de cenários aparentemente desconexa: um conto mitológico, uma caçada, e um diálogo com um cavaleiro trajado de negro. Observando-se a história mais a fundo, porém, nota-se que todos esses cenários repetem os mesmos temas, girando em torno de ideias como a morte, o luto e o amor romântico, com todas as cenas também se encaixando dentro de uma “moldura” formada pela experiência do narrador insone que nos conta sua história.

Após anos sofrendo de insônia, por acaso, certa noite, ele pega para ler um livro com contos de mitologia greco-romana, em que encontra o mito de Ceix e Alcíone: um casal perfeito, mas cujo amor tem um fim trágico. Ao fazer uma viagem marítima pouco tempo

depois do casamento, o rei Ceix enfrenta uma tempestade que arrasta seu navio, com todos a bordo, para o fundo do mar. Ceix morre nesse naufrágio, mas, mais do que isso, não resta nenhuma testemunha viva para levar a notícia a Alcíone. Portanto, esta acaba recorrendo a um pacto com a deusa Juno para descobrir o que aconteceu com Ceix. Juno ordena que Morfeu – deus dos Sonhos – visite Alcíone fingindo ser Ceix, para informar a rainha da morte do amado e, logo após receber a mensagem, Alcíone morre de pesar, não conseguindo viver depois de perder o marido.

Esse mito dá ao narrador a ideia de recorrer aos deuses da mitologia greco-romana para conseguir dormir, o que faz não inteiramente por brincadeira, apesar de ser cristão, dada a hegemonia e poder da Igreja na Europa durante a Idade Média. Mesmo assim, suas preces inclusive são atendidas. Imediatamente após prometer diversos presentes para Morfeu e Juno, em troca de uma noite de sono, o narrador adormece e tem o sonho que compõe a parte central da história.

No sonho, o narrador acorda nu em seu quarto, em um belo dia de primavera, e ouve rumores de uma caçada do lado de fora do castelo. O narrador junta-se à caçada, que, a princípio, parece infrutífera, pois os caçadores perdem o rastro do gamo que estavam procurando; por outro lado, no meio disso, o narrador acaba adentrando uma área diferente da floresta, onde, no meio de grandes belezas naturais, encontra um rapaz melancólico, todo vestido de negro, sentado à sombra de um carvalho.

Este jovem cavaleiro, com quem o narrador inicia uma conversa, se encontra doente de luto porque, assim como Alcíone, perdeu o amor de sua vida. O narrador demora a se dar conta disso, contudo, o que gera uma conversa cheia de rodeios e mal-entendidos entre os dois, até que, por fim, o rapaz lhe conta, de forma direta que não deixa margem a dúvidas, que a amada está morta.

O narrador em choque, então, ouve novamente o som de trompas de caça, indicando o final da caçada e do sonho, com os caçadores retornando a um castelo no topo de um morro. Para concluir o poema, o narrador nos conta que, misteriosamente, ficou curado da insônia após essa noite.

À primeira vista, portanto, não parece haver nada conectando essas diferentes partes da narrativa entre si, o que ressalta o caráter “ilógico” e a atmosfera de sonho da história. No entanto, conforme mostra Phillips (1981), ao analisar as semelhanças entre as diferentes partes do poema, elas estão profundamente ligadas entre si por girarem em torno dos temas de amor e de luto, recorrente no mito de Alcíone e Ceix, na conversa do narrador com o cavaleiro e – talvez – por decorrência, como causa da própria insônia do narrador, motivo

pelo qual esse sonho teria lhe ocorrido justamente após entrar em contato com o mito e, ao final do sonho, ele se ver curado. O narrador teria confrontado o luto no diálogo com o cavaleiro, e isso resolveu um problema pessoal que estaria escondendo de nós, leitores, ao longo da história. Assim, o poema forma uma unidade temática, construída através da repetição de uma mesma mensagem, comparando diversos cenários “desconexos”, mas semelhantes (PHILIPPS, 1981).

Gera-se, dessa forma, uma história aparentemente simples na superfície, que poderia ser lida apenas como um interessante devaneio da mente do narrador, mas que, para um leitor mais atento ou conhecedor do contexto histórico e das convenções medievais, revela uma mensagem recorrente de luto pela perda de um ente amado. Ao final, porém, encontra-se também uma mensagem de superação, pois a história serve como uma forma de terapia para o narrador, que se cura da insônia ao encarar sua perda de forma simbólica.

1.3.2 Origem do poema

Como vimos, “O Livro da Duquesa” é uma elegia, ou seja, um poema fúnebre escrito para homenagear alguém que morreu. Embora não se saiba a data exata em que foi escrito, teria sido declamado para a corte inglesa em algum dos anos seguintes à morte da Duquesa Blanche de Lancaster, portanto em 1368 ou mais tarde (PALMER, 1974), por ter sido criado por Chaucer para honrar sua falecida mecenas, além de – como comumente se acredita, levando em consideração o conteúdo do poema – tentar trazer consolo para o marido desta, que estava de luto. Dessa forma, já se depreende também que a criação da obra está fundamentalmente ligada ao contexto histórico em que o autor estava inserido e às figuras da nobreza com quem interagia.

Embora “O Livro da Duquesa” jamais mencione a Peste Negra ou o que causou a morte seja de Blanche de Lancaster, seja da amada do cavaleiro no poema, é uma obra que não existiria se não fosse devido a essa doença ter roubado a vida de uma mulher antes do tempo. Do mesmo modo, por consequência, é um poema que retrata, mesmo que indiretamente, as consequências da peste bubônica, na forma do luto e da perda de entes queridos. Esses temas não só estão por detrás de contexto de criação de “O Livro da Duquesa”, mas também permeiam a narrativa inteira, quando examinada mais a fundo, pois morte e luto estão por toda parte no poema, escondidos entre a sequência de cenas – aparentemente desconexas e fantasiosas, meros mitos e sonhos – que compõem a história do narrador.

O poema também não existiria sem o contexto de patronagem que existia nas cortes europeias durante a Idade Média. Mais tarde, Chaucer se tornaria concunhado de John de Gaunt, por exemplo, mas, independentemente do tipo de relação pessoal, de amizade ou afeto, que talvez existisse entre o poeta e seus mecenas, o fato é que o poema nasceu devido a esse costume da nobreza da época empregar artistas na corte para produzir entretenimento cultural. “O Livro da Duquesa” existe porque Chaucer tinha como mecenas John de Gaunt e sua esposa, pois poetas medievais construíam suas carreiras com base no apoio de algum nobre, e é graças ao sistema de patronagem, que exigia a criação artística em troca do apoio que o mecenas oferecia, que Chaucer foi levado a escrever um poema para marcar a ocasião do falecimento da Duquesa.

Por último, o contexto ainda influencia nosso entendimento das personagens e situações que encontramos no poema. Quando se conhece os detalhes da criação de “O Livro da Duquesa”, essa narrativa com ar de sonho, que mistura tópicos sensíveis – como a morte – com toques de humor, adquire um caráter mais pessoal, para além de uma mera ficção agradável de se ler. O cavaleiro que o narrador encontra na floresta e que está de luto pela perda da esposa não é apenas uma personagem: seria ninguém menos do que John de Gaunt. Sua amada morta, portanto, também foi real, assim como sua perda. Ao ler “O Livro da Duquesa”, não se está lidando com personagens somente, mas sim com pessoas que realmente existiram, mesmo que tenham vivido muito tempo antes de nós, em um mundo muito diferente do nosso.

Inclusive, a identidade real das personagens aparece no poema na forma de trocadilhos, com, por exemplo, a amada do cavaleiro recebendo o nome de “Lady White”, que remete à cor branca, da mesma forma que “Blanche”, o nome da Duquesa. Os versos que encerram o sonho do narrador também fazem menções à St. John – John de Gaunt – e retomam a ideia de brancura associada a Blanche, além de um de seus títulos, Richmond, ao mencionarem um monte, no topo do qual o narrador enxerga o castelo para onde se dirigem os cavaleiros que estão participando da caçada.

1.3.3 Do século XIV aos dias de hoje

Um dos complicadores ao se interagir com as obras de Chaucer, como “O Livro da Duquesa”, é a própria passagem do tempo, desde o século XIV, quando foram escritos os poemas, até os dias de hoje. O tempo trouxe diversas mudanças culturais que afetam a compreensão do poema. Embora certos elementos culturais do século XIV ainda sejam familiares para nós, de certo modo, mesmo no século XXI, outros se perderam do

conhecimento geral. As referências à cultura letrada medieval são, provavelmente, as mais difíceis de se retomar nesse sentido.

Alguns elementos culturais presentes em “O Livro da Duquesa” ainda são facilmente compreensíveis para quem vive no Brasil contemporâneo – por exemplo, as referências a Deus e aos costumes da Igreja Católica – mesmo que essas referências talvez sejam mais constantes em “O Livro da Duquesa” do que estamos acostumados na literatura atualmente. Não só o sonho do narrador e sua experiência pessoal são repletos de menções a personagens e acontecimentos da Bíblia, mas também surgem apelos ao Deus cristão inclusive na fala das personagens greco-romanas do conto de Ceix e Alcíone, apesar do anacronismo, uma vez que seus deuses seriam outros, que, historicamente, precedem o nascimento do cristianismo.

Outros elementos, apesar de não serem de conhecimento geral, também são familiares para leitores acostumados a certos gêneros contemporâneos como a literatura de fantasia, pois esta é frequentemente inspirada na Europa medieval, com detalhes que, em certa medida, aproximam tais histórias de obras medievais como “O Livro da Duquesa”. Exemplos disso seriam a presença de cavaleiros, cortes, caçadas e castelos, assim como, de certa forma, a ideia do amor cortês. Nesta tradição medieval, aplicava-se ao romance as regras de vassalagem do sistema feudal. De forma análoga a um vassalo jurando lealdade a um nobre de maior *status*, o cavaleiro prometia a sua dama – uma figura feminina de beleza e virtude idealizadas – ser-lhe fiel e proteger sua honra, além de realizar feitos em seu nome que contribuiriam para a fama da amada. Isso pode ser visto, em “O Livro da Duquesa”, na maneira como a falecida duquesa é representada no texto, idealizada, na fala do cavaleiro, como a dama perfeita. O relacionamento dos dois, no poema, também segue as regras do amor cortês: servir à amada era o principal objetivo do cavaleiro quando era jovem e perdê-la, pouco depois de ter conquistado o seu amor, o deixa inconsolável, a ponto de desejar também morrer, pois perdeu aquilo que considerava mas valioso em sua vida.

Por outro lado, as referências à cultura letrada medieval provam-se um desafio maior para quem quiser ler Chaucer. Referências a figuras da história e mitologia greco-romana permeiam o texto – o filósofo grego Sócrates, o imperador romano Otaviano e os heróis da *Ilíada* são apenas alguns exemplos – lado a lado com menções de matemáticos árabes e alusões às ciências estudadas na Europa medieval, como astronomia e medicina. Ao incluí-las em seu poema, Chaucer acrescentava valor intelectual à sua obra, de acordo com as noções da época em que vivia, mas o campo do conhecimento científico mudou consideravelmente desde o século XIV, além de não ser mais tão comum se estudar os clássicos greco-romanos. A quantidade de nomes e informações desse tipo que cruzam o texto pode tornar a leitura

pesada, principalmente em certos trechos, como o diálogo com o cavaleiro, cujas falas são praticamente uma série de referências culturais concatenadas.

1.3.4 Tradução do inglês médio para o inglês moderno

Além dos elementos culturais já citados, também vale mencionar a barreira da língua. O inglês falado e escrito na Inglaterra do século XIV – conhecido, atualmente, como Inglês Médio – é muito diferente de seu equivalente contemporâneo, a ponto de não ser facilmente compreensível para falantes do Inglês Moderno. Por isso, “O Livro da Duquesa” ganhou diversas traduções para a própria língua inglesa em anos mais recentes, que atualizam sua linguagem, passando do Inglês Médio para o Inglês Moderno, para se adequar às necessidades dos leitores, que, na maioria, seriam incapazes de compreender a obra de Chaucer de outra maneira. Algumas dessas traduções ainda modificam o tipo textual da obra, de verso para prosa, um formato em que estamos mais acostumados de ler narrativas longas atualmente, ao contrário do que ocorria no século XIV, em que a poesia era mais comum.

Levando em conta a dificuldade apresentada pela língua, as principais obras consultadas para criar a adaptação presente neste trabalho são traduções feitas para o Inglês Moderno. Comparei duas traduções para ter uma ideia do enredo e de elementos importantes em “O Livro da Duquesa”, apanhando uma ideia geral da narrativa a partir dessas obras. Ao entrar em certos detalhes, porém, também recorri ao texto comentado em Inglês Médio.

A primeira tradução escolhida foi uma edição em verso, presente no livro *Love Visions*, da editora Penguin, que apresenta ao leitor uma coletânea de quatro poemas de Chaucer: “The Book of the Duchess”, “The House of Fame”, “The Parliament of Birds” e “The Legend of Good Women”, todos eles tendo em comum o fato de serem “visões” sonhadas pelo eu-lírico de cada poema. As obras foram trazidas para o Inglês Moderno por Brian Stone, professor e tradutor de língua inglesa falecido em 1995, que também traduziu diversos outros poemas do Inglês Médio para publicação pela Penguin, como, por exemplo, *Gawain and the Green Knight* (CAIN, 1995).

Já a segunda tradução consultada foi uma versão em prosa de “O Livro da Duquesa”, em tradução de Gerard NeCastro, também professor, além de tradutor de obras medievais (WEST LIBERTY UNIVERSITY, c.2017). NeCastro traduziu grande parte da obra de Chaucer através da editora online Primavera Press (PRIMAVERA PRESS, c.2011).

Além dessas duas traduções, conforme mencionado, recorri a uma versão em Inglês Médio da obra, por questões de comparação, para conferir detalhes ou para resolver diferenças pontuais entre as traduções. A edição escolhida, publicada em 1888 e, portanto, de

domínio público, foi a de Skeat, devido ao seu fácil acesso através do site do Projeto Gutenberg.

1.4 Adaptação ou Tradução?

Por fim, antes de iniciar os comentários a respeito de minha recontagem de “O Livro da Duquesa”, gostaria de resolver um ponto de terminologia. Por questão de simplicidade, preferi chamar *O Livro da Duquesa* contido no apêndice de adaptação, mas, conforme Hutcheon (2013) e Oittinen (2002) demonstram, esse é um assunto complexo, que merece discussão, pois a diferença entre tradução e adaptação não é tão clara quanto se poderia imaginar. De acordo com as autoras, dependeria principalmente do prestígio da tradução como mais “fiel ao texto”, quando comparada com a adaptação, que “muda o original”.

Portanto, embora o objetivo deste trabalho não seja entrar em detalhes de terminologia, nesta seção mencionarei os pontos principais da discussão sobre adaptação e tradução, conforme Hutcheon (2013) e Oittinen (2002) a formulam. Então, também listarei as características de *O Livro da Duquesa* que me fizeram optar por usar o termo “adaptação”.

1.4.1 Uma diferença de ponto de vista

Para Oittinen (2002), a diferença entre tradução e adaptação seria de ponto de vista apenas, pois, embora uma obra costume ser chamada de adaptação caso modifique o texto dito “original”, em que se baseia, toda tradução, na verdade, envolve mudanças, nunca deixando o texto que traduz igual ao que era antes. Por isso, de acordo com Oittinen (2002) e conforme Hutcheon discute em seu livro *A Theory of Adaptation* (2013), o uso do termo “adaptação” não se deve a uma diferença clara entre adaptação e tradução, mas sim costuma estar ligado à tradicional noção de fidelidade da tradução. Assim que esse ideal de fidelidade é deixado de lado, não resta mais nada separando uma tradução de uma adaptação.

No sentido tradicional, a tradução teria mais prestígio por ser “fiel” ao “original”, enquanto a adaptação ocuparia uma posição inferior devido aos “desvios” que comete em relação ao texto em que foi baseada, por exemplo, resumindo a história ou modificando-a para se adequar a um público infantil. Citando Oittinen (2002), que explica, de forma concisa, a questão:

[A]daptation is typically only defined in terms of how it deviates from the original. It is thus taken to be different from a translation, which is supposed

to be the same as or in some way equivalent to the original. (OITTINEN, 2002, pág. 6)

No entanto, conforme Oittinen (2002) e Hutcheon (2013) apontam, a partir do momento em que se começa a questionar – ou até mesmo rejeitar – a ideia de fidelidade da tradução, os conceitos de tradução e adaptação também começam a se confundir. As autoras citam como exemplo teorias de tradução como as de Vermeer e Reiss ou de Nord, que questionam a importância de noções como fidelidade e equivalência em relação ao texto-fonte para focar, em vez disso, na função do texto traduzido. O que definiria uma “boa tradução” não seria o quão próxima esta se mantém da letra do texto-fonte ou de um significado que se considere intrínseco ao texto, independente de interpretações feitas pelo tradutor ou pelos leitores. Em lugar disso, o texto-alvo teria diversas funções possíveis – objetivos que se busca cumprir com a tradução – que podem gerar textos muito diferentes entre si, sem que um seja melhor do que outro baseado no quanto se afasta da fonte, que não é mais o modelo de comparação para se definir a qualidade da tradução.

Seguindo tais teorias tradutórias, acabam-se misturando os conceitos de tradução e de adaptação. Se ambas modificam o texto com base em um objetivo e pensando em um público-alvo que, talvez, sejam diferentes daqueles do texto-fonte, o que distingue uma da outra?

1.4.2 Características comuns às adaptações em *O Livro da Duquesa*

O objetivo deste trabalho, porém, não é discutir essa terminologia mais a fundo, mas sim apresentar uma recontagem de “O Livro da Duquesa” de Chaucer. Ela poderia ser considerada uma tradução, por transcrever o poema do inglês para o português, pensando em um público-alvo brasileiro contemporâneo, mais especificamente infantojuvenil. Por outro lado, *O Livro da Duquesa*, assim recontado, também corresponde às características que Hutcheon (2013) aponta como comuns às adaptações.

Hutcheon começa propondo a definição de adaptação encontrada no dicionário: “‘to adapt’ is to adjust, to alter, to make suitable” (HUTCHEON; O’FLYNN, 2013, pág. 7), mas, em seguida, entra mais a fundo, ao longo do livro, nos objetivos de se adaptar uma história, assim como em características comuns às adaptações de maneira geral. Entre elas, Hutcheon (2013) menciona mudanças de meio ou de tipo textual; a tentativa de aproximar a obra de um público contemporâneo jovem, frequentemente subtraindo detalhes e diminuindo o número de palavras; o aspecto educacional e questões de *copyright*, por exemplo. Todas essas

características estão presentes em *O Livro da Duquesa* e, portanto, influenciaram minha escolha de tratar essa obra como uma adaptação.

O Livro da Duquesa, conforme consta no apêndice, é uma versão resumida do poema de Chaucer, que recebeu diversas alterações – algumas delas maiores, como a transformação para prosa, e outras menores, como a modificação ou exclusão de pequenos trechos do texto – para interessar a um público infantojuvenil contemporâneo. Durante a escrita de *O Livro da Duquesa*, foquei principalmente no valor da obra como entretenimento: em criar uma história cuja leitura fosse interessante e agradável para jovens leitores. Isso não exclui, porém, o fato dessa recontagem também ter sido feita levando em conta razões educativas de tornar um clássico da literatura medieval inglesa mais acessível aos jovens brasileiros do que seria em sua versão completa, na forma de poesia e em inglês. Para que um público jovem se interesse pelos clássicos, conforme Hutcheon (2013) e Oittinen (2002) mencionam, é preciso que algo em tais obras lhe interesse e que a leitura consiga manter sua atenção cativa, um dos motivos pelos quais existe a adaptação de clássicos para público infantojuvenil, em primeiro lugar.

Para criar minha recontagem de “O Livro da Duquesa”, além disso, apanhei apenas o enredo geral da obra, com as personagens e pontos mais importantes da narrativa, sem me ater a nenhum texto específico, então foram subtraídos detalhes e contagem de palavras, criando uma versão resumida da obra. A questão de *copyright* também não deixou de ser considerada, pois, apesar de Chaucer ser um autor de domínio público, as traduções de “O Livro da Duquesa” para o inglês moderno que estudei têm *copyright*. Então, prefiro destacar o fato de ter me afastado dessas traduções ao escrever *O Livro da Duquesa*, minha versão do poema de Chaucer. Não é uma tradução, especificamente, de nenhum dos textos em Inglês Moderno que li, mas sim uma adaptação da trama em um sentido mais geral.

2 COMENTÁRIOS SOBRE A ADAPTAÇÃO

Ao adaptar “O Livro da Duquesa” para uma versão resumida em prosa, considerando também as modificações necessárias para tornar a obra mais acessível a um público jovem, surgiram alguns pontos que me chamaram a atenção ou necessitaram mais pesquisa. Então, gostaria de destacar os principais, divididos em três seções.

Em primeiro lugar, está o teor psicológico do poema de Chaucer, que surpreende pela sua atualidade na representação de um sonho com significado psicológico. Junto com essa discussão, serão apresentadas as mudanças feitas na história para destacar a mensagem positiva de cura ao final do texto para se adequar ao público-alvo e ser mais facilmente compreendida atualmente.

Em segundo lugar, falarei um pouco mais sobre as já mencionadas dificuldades criadas pelas referências à cultura letrada medieval que estão presentes no texto. Então, gostaria de abordar algumas questões de coerência interna na obra e, por fim, de discutir brevemente sobre as ilustrações que acompanham *O Livro da Duquesa*.

2.1 A Psicologia em “O Livro da Duquesa”

Conforme visto na seção anterior, “O Livro da Duquesa” se encaixa no gênero medieval *Dream Vision*, em que um narrador nos conta de uma visão que teve em um sonho. De acordo com Johnson (1975), todavia, “O Livro da Duquesa” não seria uma obra típica desse gênero. Um dos pontos que distinguem essa elegia de Chaucer de outras obras medievais do mesmo tipo – como, por exemplo, *O Romance da Rosa* – seria a sua complexidade psicológica, um elemento que não estaria presente em outros poemas do gênero *Dream Vision* (JOHNSON, 1975). Em “O Livro da Duquesa, por detrás da aparência ilógica de um sonho, realmente se esconde também o conteúdo psicológico e simbólico frequentemente presente em sonhos.

Ao discutir a estrutura do poema, que se distancia das formas narrativas a que estamos mais acostumados atualmente, porque a sequência de cenas apresenta uma unidade apenas no plano temático, também vimos que essa unidade se forma devido a todas as partes do poema repetirem os mesmos temas de amor, perda do ente amado e luto (PHILLIPS, 1981). Isso ocorre tanto no conto de Ceix e Alcíone, quanto no sonho do narrador, quando este encontra o

cavaleiro. A repetição inclusive nos leva a poder inferir a possibilidade de que o luto seja também a causa da “doença” do narrador, que o impede de encontrar repouso (PHILLIPS, 1981). Por esse motivo, o narrador insone seria tão afetado pelo conto de Alcíone e Ceix, que relata o luto de uma rainha pelo esposo amado: o narrador estaria passando por uma situação semelhante, tendo perdido alguém que amava. Nessa interpretação, o sonho do narrador teria provavelmente sido causado por esse contato com o próprio luto através do conto da mitologia greco-romana, e o diálogo com o cavaleiro parece provar isso.

Como uma personagem do subconsciente do narrador, o cavaleiro indicaria problemas e preocupações presentes na vida do narrador quando está desperto. Dessa forma, a repetição do tema de alguém que está de luto pela perda do ser amado significaria que o próprio narrador estaria enfrentando esse tipo de dificuldade em sua vida, o que seria a causa da sua insônia. Por isso, após processar seus sentimentos, revisitando-os repetidamente na mesma noite – no conto de Alcíone e Ceix e em seu sonho – o narrador acordaria curado.

Embora a psicologia, como campo de conhecimento científico, não existisse na Idade Média, é possível encontrar elementos precursores dessa ciência na época de Chaucer, e estes estão presentes em “O Livro da Duquesa”. Isso fica mais claro, principalmente, na cena da caçada que marca o sonho do narrador e é o cerne da interpretação psicológica da narrativa, mas que, por outro lado, é de difícil transposição para o português. Portanto, após uma breve explicação do conteúdo psicológico de “O Livro da Duquesa” e uma discussão da cena da caçada, apresentarei a solução encontrada para resolver tal problema.

2.1.1 A psicologia na Idade Média

A interpretação psicológica de “O Livro da Duquesa”, em que a narrativa teria sido causada por um luto do narrador – cujos sentimentos seriam despertados pelo conto de Alcíone e Ceix, para se resolverem no sonho através do diálogo com o cavaleiro – pode parecer contemporânea demais para os tempos de Chaucer. Contudo, na verdade, não é totalmente anacrônica.

Embora a Idade Média seja frequentemente vista como uma “Idade das Trevas” e de superstição, em que não era praticada qualquer forma de ciência, a Universidade de Oxford, por exemplo, já existia na Inglaterra desde o século XI e era um grande centro de conhecimento e pesquisa. O próprio “O Livro da Duquesa” inclui referências a inúmeras ciências medievais, como medicina, matemática, astronomia e filosofia, o que contradiz essa visão da Idade Média como uma “Idade das Trevas” no plano intelectual.

É possível encontrar ideias semelhantes às da psicologia contemporânea na época de Chaucer, com a diferença de que o coração aparece como o centro dos pensamentos e emoções, e que certos sentimentos negativos, como a culpa, estavam associados a ideias religiosas de pecado (SHOAF, 1979). Portanto, problemas psicológicos, como o luto que parece afligir o narrador de “O Livro da Duquesa”, eram vistos através dessa ótica pelas ciências da época, inclusive na forma como se dispunham a curá-los, através da técnica que os estudiosos de Oxford chamavam de “heart hunt” (caçada do coração), que buscava estudar as dores do coração humano, iniciando estudos que, séculos mais tarde, se transformariam na psicologia e psicanálise.

Por exemplo, “O Livro da Duquesa” não é o único texto medieval que utiliza a metáfora da caçada a algum animal como forma de se “perseguir” sentimentos negativos – através da reflexão – até sua origem no coração humano, onde, então, poderiam ser eliminados pelo “caçador” (SHOAF, 1979). Inclusive, um texto confessional que utiliza essa metáfora foi escrito, alguns anos antes de Chaucer compor “O Livro da Duquesa”, pelo Duque de Lancaster, pai de Blanche, à qual a elegia é dedicada, o que parece provar o caráter proposital da dimensão psicológica de “O Livro da Duquesa” (SHOAF, 1979).

2.1.2 A cena da caçada em “O Livro da Duquesa”

Portanto, no sentido do conteúdo psicológico de “O Livro da Duquesa”, a cena que mais chama a atenção é aquela da caçada. Nela o narrador, em seu sonho, se junta a um grupo de nobres que estão participando de uma caça ao gamo, animal considerado como um grande troféu de caça, que aparece simbolicamente associado à nobreza, dessa forma criando uma identificação entre o alvo da caçada – um “animal nobre” – e John de Gaunt, já que este está representado pelo cavaleiro que o narrador encontra justamente enquanto caça o gamo (PRIOR, 1986). Disso viria a ideia de que o poema seria uma tentativa de consolar o esposo da falecida Duquesa Blanche de Lancaster, afinal, a caçada estaria almejando “caçar” o seu luto.

Ainda quanto à escolha do gamo como o alvo da caçada, esse animal apenas ressalta a metáfora, pois seu nome cria um trocadilho no inglês médio. Mesmo contemporaneamente, no inglês, o animal se chama ‘hart’, palavra homófona de ‘heart’ – coração – o que corrobora a interpretação de que esta é uma caçada aos sentimentos negativos abrigados no coração humano, conforme descreve o confessional do Duque de Lancaster.

Não bastando isso, porém, na Inglaterra medieval, a grafia das palavras ainda não era fixa, variando a forma como se transcreviam os sons presentes na fala, então, conforme Prior

(1986) discute, ‘hert’ – como está escrito no inglês médio – poderia ser lido com, nem mesmo um duplo, mas sim um triplo significado de ‘hart’ (gamo), ‘heart’ (coração) e ‘hurt’ (ferido), dado que todas essas palavras teriam um som semelhante. Dessa forma, a caçada ao gamo se transforma em uma caçada a um coração ferido, mais especificamente o do cavaleiro – que representa John de Gaunt – dado que é ele quem o narrador encontra ao seguir o cãozinho, quando deveria estar caçando o gamo (PRIOR, 1986). Também é apenas quando o narrador descobre o motivo do sofrimento do cavaleiro, ou seja, a morte de sua amada, que a caçada e o sonho terminam, e o narrador desperta curado (PRIOR, 1986), o que ressalta o significado dessa caçada como uma metáfora sobre se buscar as causas das “dores do coração” e curá-las, de acordo com a visão medieval dos problemas de origem psicológica.

A simplicidade de um trocadilho, portanto, cria uma metáfora com marcante profundidade de significado, que, talvez, tenha sido o que mais criou dificuldades quando pensei em adaptar a história. É impossível retomar o trocadilho ‘hart’/‘heart’/‘hurt’ em língua portuguesa, por não existirem palavras com um significado análogo que mantenham a mesma relação sonora entre si no português.

A princípio, testei algumas formas de incluir essa pista do significado psicológico da cena de caçada sem causar grandes modificações na história: por exemplo, através da repetição da ideia de ‘coração’, com os caçadores buscando “alvejá-lo [o gamo], bem no coração” (pág. 15) e persegui-lo até “o coração da floresta” (pág. 15), que seria onde o narrador encontra o cavaleiro. Inclusive, foi acrescentada uma referência a Cupido, divindade greco-romana relacionada à paixão, como tentativa de indicar o motivo pelo qual o cavaleiro estaria “de coração ferido”. Em minha opinião, porém, nenhuma dessas tentativas pareceu cumprir suficientemente bem o papel que o trocadilho ‘hart’/‘heart’/‘hurt’ têm em inglês.

2.1.3 Solução encontrada na adaptação

Devido à dificuldade de retomar esse trocadilho central para a compreensão da metáfora da caçada em "O Livro da Duquesa", a interpretação psicológica da história foi reinserida de outras formas na adaptação, focando na referência que Chaucer estaria fazendo a estudos medievais relacionados aos problemas do coração humano. Assim também busquei retomar a mensagem de cura que se vê ao final da história, criando, de certo modo, uma analogia com a prática atual da terapia como forma de se lidar com problemas tais quais os enfrentados pelas personagens de “O Livro da Duquesa”.

Tanto o narrador quanto o cavaleiro entram na história demonstrando desesperança e depressão em relação à vida e ao próprio futuro. A única saída que conseguem enxergar para

seus problemas – a insônia, no caso do narrador, e a perda da amada, no do cavaleiro – é a morte, que “curaria” a insônia do narrador e reuniria o cavaleiro com sua amada. Contudo, de acordo com a interpretação comumente aceita, “O Livro da Duquesa”, além de ser uma elegia para a Duquesa Blanche de Lancaster, teria o objetivo de consolar seu marido de luto, então o final do poema contrapõe as ideias mais sombrias presentes no restante da história. Ao longo do poema, vemos o narrador desejando a morte por não conseguir dormir, Alcíone morrendo de luto e o cavaleiro adoecendo por não conseguir esquecer a amada, mas, após o diálogo com o cavaleiro, o narrador acorda curado. Há sempre possibilidade de melhora, apesar de certas dores serem tão intensas que parecem insolúveis.

Conforme já discutido, porém, a repetição temática que cria a unidade de “O Livro da Duquesa” e leva a essa conclusão, embora fosse familiar para o público da época de Chaucer, pode se mostrar muito sutil para leitores contemporâneos apanharem seu sentido com facilidade. Levando em consideração também que o suicídio é um tópico sensível e o público-alvo de *O Livro da Duquesa* compreenderia uma faixa etária mais jovem – infantojuvenil – ficou a preocupação de que o texto acabasse pesado demais ou que sua mensagem positiva parecesse muito apagada. Por isso, os trechos em que assuntos como a morte e o suicídio apareciam em “O Livro da Duquesa” ganharam referências mais gerais à saúde mental e aos “psicólogos de Oxford” que estariam estudando as doenças do coração humano, exceto na fala do cavaleiro. É no diálogo com o cavaleiro que ocorre um embate mais claro entre vida e morte na história, mas o narrador escolhe viver, então me pareceu “seguro” manter as menções à morte e ao suicídio nessa parte da história.

No caso do narrador, a ideia suicida, presente em um comentário de que a morte seria o único “médico” capaz de curá-lo, foi substituída por uma referência mais geral à saúde mental, mas que cumpre a mesma função de mostrar sua desesperança em relação à possibilidade de melhora: “Essa doença que eu tinha nem os médicos da universidade sabiam curar, embora tenham feito muitos avanços, hoje em dia, nos estudos das tristezas do coração humano” (pág. 2). Ou seja, o narrador continua iniciando a história em uma situação que lhe causa muito sofrimento. Não consegue dormir e não é capaz de enxergar nenhuma saída para o mal que o aflige.

Em seu sonho, porém, o narrador acorda em um belo dia ensolarado e com uma visão muito mais alegre e positiva a respeito do mundo. A próxima vez que se depara com a ideia da morte é quando, ao se juntar à caçada, encontra o jovem cavaleiro vestido de negro.

Então, nas falas do cavaleiro que o narrador encontra em seu sonho, preferi manter as referências à morte e à ideia suicida da personagem, devido ao diálogo entre narrador e

cavaleiro ser o momento de debate entre vida e morte. O desejo de morrer estaria representado pelo cavaleiro – como personagem do subconsciente do narrador – e o próprio narrador estaria argumentando contra essa ideia que expressara anteriormente, tentando convencer o outro – a si mesmo – de que vale a pena seguir vivendo. No sonho, o narrador muda de ponto de vista e o mantém mesmo após despertar. A mensagem final da história é positiva, com um enfoque na cura e em se continuar vivendo, visto que o narrador desperta livre da insônia e desesperança que o atormentavam.

Também aproveitei o diálogo com o narrador para retomar a ideia dos “psicólogos de Oxford”. Com isso, enfim, foi possível inserir no texto uma pista do que significaria a cena da caçada, nesta fala do narrador:

- Mas seria pecado jogar fora a própria vida, mesmo se tivesse perdido mil jogos de xadrez para a Sorte! Ouvem-se muitas histórias de antigamente, de gente que morreu por problema semelhante, mas já estamos no século XIV! Hoje em dia, não há mais quem chegue a esses extremos por ter perdido algumas peças numa jogada, graças a Deus. Ouvi dizer que, na Universidade de Oxford, os médicos estão achando formas de perseguir a tristeza, como numa caçada, até o coração do paciente, para acabar com ela! – eu disse, atacando ar com uma espada invisível. – Então, não é preciso mais chegar a esse ponto. Ainda mais que foi apenas um jogo, e há muitas outras chances por vir. (pág. 22-23)

Dessa forma, busquei retomar o significado da cena da caçada – com o sentido psicológico da história, do qual tal cena é o elemento central – apesar da impossibilidade de traduzir o trocadilho ‘hart’/‘heart’/‘hurt’, que cria a metáfora no poema de Chaucer. Também assim foi atualizada a mensagem positiva contida na história, aproximando-a um pouco do contexto atual de psicologia e terapia, que não estava disponível ao autor no século XIV, apenas na ideia de uma personagem debatendo com seu próprio subconsciente, dentro de um sonho, e escolhendo a vida.

2.2 A Cultura Letrada Medieval

Outra característica marcante de “O Livro da Duquesa” é a presença constante no texto de referências à cultura letrada medieval, que inclui figuras históricas e mitológicas greco-romanas, poemas medievais e conhecimentos científicos da época de Chaucer. Em sua maioria, porém, são detalhes mencionados apenas de passagem no texto, sem informações

adicionais, o que dificulta a sua compreensão, visto que o leitor não pode se basear no contexto para entendê-los.

Por isso, dependendo de cada caso, acrescentei pequenas explicações ao texto, modifiquei-o mantendo o sentido geral do trecho, ou excluí a referência. A seguir, discutirei um pouco mais sobre cada uma dessas escolhas e, então, mencionarei o caso de uma referência específica à mitologia greco-romana que causou dúvidas durante a fase de pesquisa e leitura do texto.

2.2.1 Acréscimo de explicações

Algumas das referências no texto foram mantidas, mas com o acréscimo de breves explicações, para o caso de não serem do conhecimento dos leitores. Isso foi feito principalmente com as menções a figuras históricas, míticas ou bíblicas mais famosas. Por exemplo, quando o narrador está falando com o cavaleiro, há uma menção a Sócrates, o qual ganhou a descrição de “o grande filósofo” (pág. 23), já que o narrador o está citando como figura de autoridade para convencer o cavaleiro a não se sentir tão desapontado a respeito da própria sorte.

Como outro exemplo importante, também temos as menções à *Ilíada* e ao *Romance da Rosa*, que o narrador vê adornando o seu quarto no sonho. A decoração do quarto ganha um trecho descritivo relativamente longo e detalhado no poema de Chaucer, e a aparição dessas obras específicas no sonho do narrador parece repetir os temas presentes na narrativa, o que, a meu ver, as torna referências importantes de se manter na adaptação. Portanto, também foram acrescentadas explicações sobre a trama do *Romance da Rosa* e da *Ilíada*, tentando trazer à tona a ligação que teriam com o que está acontecendo ao narrador de “O Livro da Duquesa”.

O Romance da Rosa, embora pouco conhecido atualmente, é o poema medieval, mais ou menos contemporâneo a “O Livro da Duquesa”, que Chaucer traduzira do francês pouco tempo antes de escrever esta sua primeira obra original. Assim como “O Livro da Duquesa”, no *Romance da Rosa*, é narrado um sonho que a personagem principal da obra teve e que, nesse caso, também está relacionado ao romance e à tradição do amor cortês, com um jovem narrador que está tentando cortejar sua amada Rosa. Esta é alegoricamente representada pela flor – assim como Blanche de Lancaster se transforma em “Lady White” em “O Livro da Duquesa” – e, da mesma forma que a amada do cavaleiro, é inatingível, mas devido às convenções do amor cortês, ao contrário de Lady White, que está fora do alcance do cavaleiro por estar morta. Portanto, seria um poema bastante semelhante ao de Chaucer em diversos pontos, embora “O Livro da Duquesa” também se afaste dele em outros. A menção ao

Romance da Rosa parece realçar os temas românticos da obra de Chaucer, mas mantendo a ideia de uma amada inatingível.

Já a *Ilíada*, obra provavelmente mais famosa, mesmo hoje em dia, é o clássico de literatura grega que narra a Guerra de Troia. Embora esse épico não pareça se encaixar na temática de “O Livro da Duquesa”, a Idade Média muitas vezes tratava os clássicos greco-romanos de maneira anacrônica, como já foi mencionado quanto à presença do Deus cristão no conto de Ceix e Alcíone, e, nesse sentido, a *Ilíada* chama a atenção quando interpretada através do ponto de vista do amor cortês, que lhe daria um fundo mais romântico. Afinal, a Guerra de Troia teria sido causada pela beleza de Helena, que inspirou inúmeros heróis a realizarem grandes feitos guerreiros para resgatá-la. Portanto, a menção à *Ilíada* também poderia ser lida como uma repetição do tema do amor cortês, que parece estar profundamente presente na mente do narrador.

Então foram acrescentadas explicações para tornar visível a relação entre os poemas citados e o de Chaucer, mesmo que de forma sutil. O trecho acabou ficando dessa forma:

Todas as janelas eram decoradas com vitrais que narravam a Guerra de Troia, em que Aquiles e Heitor (assim como muitos outros valentes heróis) perderam a vida lutando pela bela Helena, e o sol atravessava os vidrinhos com mil raios coloridos para cair sobre a cama. Já nas paredes do quarto, lia-se linha após linha de versos do *Romance da Rosa*, pintadas em cores vívidas e ricamente ilustradas com imagens do maravilhoso jardim onde o jovem narrador tenta conquistar sua amada Rosa. (pág. 13)

2.2.2 Modificações mantendo o sentido geral

Contudo, nem todas as referências à cultura letrada medieval presentes em “O Livro da Duquesa” têm uma relação tão profunda com as temáticas do texto. Nos casos em que a referência não se mostrava tão essencial para a história, ou não tratava de figuras que seriam reconhecíveis para leitores atualmente, mas em que ainda parecia interessante manter-se a ideia do trecho, as menções foram modificadas para manter apenas o sentido geral da passagem, evitando trazer muita informação nova, como nomes desconhecidos, para os leitores.

Um momento em que isso foi feito, com uma menção às ciências medievais sendo omitida para manter apenas a ideia geral do trecho, é quando o narrador, passeando pela floresta em seu sonho, menciona que nem mesmo “Albus” poderia contar as maravilhas que viu o narrador. “Albus” seria o matemático árabe Al-Khwarizmi, de cujo nome surgiu a palavra ‘algoritmo’ (SHIPPEY, 1996). Embora seu trabalho fosse um grande avanço

científico na área da matemática, na época de Chaucer, ainda era quase desconhecido na Europa medieval (SHIPPEY, 1996), o que torna essa uma referência bastante intelectual do autor. Atualmente, da mesma forma que na Europa medieval, o nome de Al-Khwarizmi dificilmente seria reconhecido, ainda mais por leitores da faixa etária infantojuvenil, ou até mesmo por adultos de fora da área da matemática. Portanto, para manter o trecho simples, a referência foi modificada para “nem os maiores matemáticos da História” (pág. 16), pois parece ser com esse sentido que Chaucer cita Al-Khwarizmi, devido à sua fama nesse campo da ciência.

2.2.3 Exclusão da referência

Encerrando as discussões quanto ao tratamento dado às referências a ciências medievais e figuras históricas, mitológicas ou religiosas no texto, algumas referências foram simplesmente excluídas. Isso foi feito principalmente em trechos em que se juntavam muitas delas e quando não eram de muita importância para os temas da história ou as considerações das personagens, servindo mais como um adorno para o texto. Mesmo com explicações, a própria quantidade de referências em certos momentos da narrativa deixaria o texto muito pesado, de difícil leitura para leitores jovens se deparando, de uma só vez, com tantas informações novas, então a exclusão das referências me pareceu a melhor escolha.

A principal parte do poema que recebeu esse tratamento foi o diálogo do narrador com o cavaleiro, mais especificamente as falas do cavaleiro em si. Este discorre longamente, com diversas alusões clássicas e científicas, sobre seu sofrimento e sua amada, então, além da questão da própria quantidade de referências, houve a preocupação de que esse diálogo acabasse longo, repetitivo ou cansativo demais para ser agradável para jovens leitores tentarem acompanhar. Como consequência, tal parte do poema também acabou com uma contagem de palavras bastante menor na adaptação, porque busquei deixar o diálogo do cavaleiro com o narrador mais curto e dinâmico.

2.2.4 Deus do sono ou deus dos sonhos?

Por fim, um último detalhe interessante sobre as referências greco-romanas em “O Livro da Duquesa”, que chamou a atenção, é a forma como Morfeu é mencionado no poema. Na mitologia grega, Morfeu é identificado como o deus dos *sonhos* (LIDDELL; SCOTT, 1940). Contudo, tanto na tradução de Stone quanto na de NeCastro, Morfeu aparece como “the god of sleep”, ou seja, o deus do *sono*, que, mais corretamente, deveria ser Hypnos, em grego, ou Somnus, em latim (LIDDELL; SCOTT, 1940).

Esse foi um dos detalhes que me levou a conferir a edição em Inglês Médio de “O Livro da Duquesa”. Com o auxílio desse texto, pude verificar que também é por esse título – deus do sono – que Morfeu é tratado no poema em Inglês Médio, embora não possa dizer por que isso acontece nessa obra de Chaucer.

Apesar de ser como Morfeu consta em todas as versões consultadas de “O Livro da Duquesa”, porém, surgiu a preocupação de que isso fosse considerado um erro da adaptação, caso Morfeu fosse chamado o “deus do sono”, visto que essa não é a sua função real no panteão greco-romano. Portanto, em *O Livro da Duquesa* contido no apêndice, Morfeu aparece, ao contrário de na obra de Chaucer, como o “deus dos Sonhos”, de acordo com a tradição da mitologia clássica.

2.3 Coerência Interna da Obra

Por fim, encerrando os comentários acerca de modificações feitas no poema de Chaucer, estão as mudanças realizadas por razões de coerência interna do texto. Embora diversos detalhes e eventos de “O Livro da Duquesa” sigam uma lógica de sonho e, portanto, se contradigam ou não pareçam fazer sentido, considere importante manter uma coerência pelo menos interna na sua recontagem para não confundir os leitores, mesmo quando, por fazerem parte do sonho do narrador, não seguem a coerência externa do que seria possível na realidade.

Nesse sentido, as partes do texto cujo conteúdo modifiquei para manter a coerência interna de certos detalhes da narrativa foram o conto de Ceix e Alcíone e, principalmente, o sonho do narrador. No caso do conto da mitologia grega, isso se deu devido a um detalhe que não necessariamente causa uma incoerência, mas não é retomado na história, então decidi retomá-lo para torná-lo mais evidente. Já no sonho do narrador, há o problema da personagem começar o sonho sem roupas, mas, mais tarde, parecer estar vestida, além de uma transição um pouco confusa de um local para outro, quando o narrador sai do quarto para se juntar à caçada que está ocorrendo fora do castelo.

2.3.1 Morfeu e o corpo de Ceix

Em primeiro lugar, no conto de Alcíone e Ceix, quando a rainha desesperada pede a ajuda de Juno para descobrir o que aconteceu com Ceix – que Alcíone não sabe se está morto ou desaparecido – Juno, a princípio, ordena que Morfeu entre no corpo de Ceix, que jaz no fundo do mar, para aparecer a Alcíone tomando a forma do marido que ela perdera. Na

tradução da editora Penguin, por exemplo, aparece: “tell him to creep into the body” (CHAUCER, 2006, pág. 24). Contudo, isso não é retomado mais tarde, quando o poema descreve as ações de Morfeu. Apenas é dito que o deus leva o corpo de Ceix até a rainha Alcíone, como é mostrado, novamente, na tradução de Stone para a editora Penguin: “[Morpheus] picked up the drowned corpse speedily / and bore it to Alcyone” (CHAUCER, 2006, pág. 27).

Isso não cria uma incoerência, no sentido literal da palavra, mas pode prejudicar um pouco a coerência interna do conto, causando confusão em quem está lendo, por ser a omissão de um detalhe bastante macabro e, portanto, marcante da história. Não é um fato esperado que deuses possuam o corpo de vítimas de naufrágio e o movam de um lado a outro, tomando a identidade do morto, mas é desse modo que Morfeu cumpre o objetivo de visitar Alcíone parecendo ser Ceix, para falar com ela como se fosse o rei morto, aparecendo no quarto quando ela está dormindo.

Portanto, preferi aumentar a conexão entre as partes do texto – a ordem de Juno e a ação de Morfeu – e dar mais atenção a esse detalhe singular, destacando o fato de que Morfeu estaria vestindo o corpo de Ceix. Para isso, acrescentei uma descrição do deus dos sonhos apanhando o corpo no fundo do mar, além de uma menção ao cheiro do cadáver quando Morfeu informa Alcíone da morte do rei.

2.3.2 A nudez do narrador

Já no sonho do narrador, um detalhe que criava uma pequena contradição na história era a comparação entre o início do sonho e o momento em que o narrador encontra o cavaleiro na floresta. Quando o narrador acorda, está sem roupas e, em seguida, sai às pressas do quarto, sem haver menção de que tenha se vestido. Passando a cena da caçada, porém, ao encontrar o cavaleiro, o narrador tira o adereço que está usando na cabeça para cumprimentá-lo. Na tradução da editora Penguin, aparece: “I stood / Before him taking off my hood, / Saluting him as best I could” (CHAUCER, 2006, pág. 47).

O erro de continuidade entre essas cenas poderia ser explicado de forma externa ao texto considerando-se que o narrador está sonhando e, em um sonho, faria sentido que certos detalhes – como as roupas que (não) está vestindo – mudassem de um momento para o outro. Contudo, *O Livro da Duquesa* é uma versão resumida da obra de Chaucer, o que levantou a questão de que detalhes como esse poderiam ficar mais visíveis em uma versão da história com menor contagem de palavras, já que as cenas estão mais próximas entre si e há menos

descrições no geral. Portanto, eu quis manter a coerência interna da história quanto à nudez do narrador.

Dessa forma, o narrador, em *O Livro da Duquesa*, continua nu durante o sonho inteiro, desde que acorda no quarto até a hora em que encontra o cavaleiro durante a caçada ao gamo, mas chamando a atenção para o fato de que, devido à lógica dos sonhos, o narrador age e se sente como se estivesse vestido. Como consequência colateral dessa alteração, o narrador está interagindo normalmente com o cavaleiro, ignorando o fato de estar sem roupas, e o choque inicial do cavaleiro ao vê-lo poder ser interpretado como também sendo devido à nudez de seu interlocutor, acrescentando um toque a mais de humor para a cena. O diálogo entre os dois já continha alguns elementos de humor devido aos desentendimentos e interrupções constantes do narrador, então essa característica do trecho apenas foi destacada.

2.3.3 Transição do quarto para a caçada

Em último lugar, mas também no sonho do narrador, há a cena em que este se junta à caçada. Após acordar em seu quarto e admirar a decoração baseada na *Ilíada* e no *Romance da Rosa*, o narrador ouve os caçadores, do lado de fora, testando uma trompa de caça, e resolve se juntar a eles. Contudo, ainda seguindo a lógica de um sonho, em que a localização espacial não acompanha o que faria sentido na vida real, quando estamos acordados, o poema não deixa clara a transição do quarto para o ambiente externo. Uma hora, o narrador está na cama; no instante seguinte, está conversando com os caçadores, parecendo ter montado e saído a cavalo de dentro do próprio quarto.

Neste caso, a solução encontrada para não haver confusão sobre como esses trechos – o narrador no quarto e o início da caçada – se seguiriam um ao outro foi justamente aproveitar a lógica de sonho da história e deixar a transição clara, mas tornando-a algo que só poderia acontecer em um sonho. Isso também destacou o fato dessa parte da narrativa estar se passando dentro da mente do narrador.

Em *O Livro da Duquesa*, então, o cavalo do narrador realmente surge, de repente, no próprio quarto onde o narrador estava dormindo. Após montar, o narrador atravessa a parede, onde as ilustrações do *Romance da Rosa* se transformaram em um bosque, para alcançar a caçada, e não há mais possibilidade de confusão sobre como ele passa de um local ao outro, mesmo que essa passagem não siga as regras da vida real.

2.4 Ilustrações

Para finalizar os comentários sobre minha recontagem de “O Livro da Duquesa” de Chaucer, gostaria de abordar o assunto das ilustrações que acompanham o texto, feitas por Leonardo Vidal. Essas imagens enriquecem a obra com detalhes do contexto histórico do século XIV, mas também trazem um toque a mais de humor para a narrativa e um apelo ao imaginário infantojuvenil sobre a Idade Média, assim cumprindo o papel de atrair e envolver jovens leitores na história que está sendo contada.

Antes de entrar no tópico das ilustrações presentes em *O Livro da Duquesa*, porém, primeiro destacarei alguns pontos do que Oittinen (2002) fala a respeito das ilustrações e sua importância em relação, principalmente, às obras voltadas para o público jovem. De acordo com Oittinen (2002), ilustrações não são mero acessório decorativo de um livro, mas sim parte fundamental do texto.

2.4.1 A importância da imagem em obras ilustradas

Em suas discussões sobre tradução e adaptação, Oittinen (2002) ressalta a importância das ilustrações em obras para jovens leitores. A autora trata, principalmente, de livros escritos para o público infantil, da faixa etária em fase de alfabetização ou ainda mais novo, portanto um tipo de obra em que as imagens são essenciais para interessar a criança na leitura e ajudá-la a “adivinhar” a história que está sendo narrada, servindo de complemento para a palavra escrita. Contudo, conforme Oittinen (2002) também mostra, essas considerações não estão limitadas aos livros ilustrados para crianças pequenas, mas sim se aplicam a todas faixas etárias, em maior ou menor medida. Isso incluiria não apenas o público infantojuvenil – mais próximo do infantil em idade – mas até mesmo os adultos, pois muitos também consomem obras ilustradas, por exemplo, na forma de *comics*.

Exemplos como os *comics* e os livros ilustrados infantis deixam mais claro o ponto da autora sobre a relação inseparável entre imagem e palavra escrita, pois incluem menos texto, enquanto as imagens cumprem um papel maior em contar a história. Para Oittinen (2002), porém, a mesma ideia se aplica a todas as ilustrações, que nunca são meros enfeites para o texto escrito que acompanham.

As ilustrações também fazem parte do processo de se contar uma história, pois influenciam a forma não só como imaginamos visualmente as personagens, cenários e situações narrados, mas também como os interpretamos (OITTINEN, 2002). Uma imagem pode até acrescentar um ponto de vista para o texto que não passaria pela cabeça dos leitores apenas lendo o que está escrito, por exemplo, com a expressão facial de certa personagem

dando detalhes a mais a respeito de suas intenções, estado mental ou das ações que toma na história (OITTINEN, 2002).

Além disso, as ilustrações contribuem para o entusiasmo da leitura (OITTINEN, 2002). É um ponto importante, que não se deve deixar de considerar, quando se está tentando atrair um público jovem para fazer a leitura de um clássico.

2.4.2 As ilustrações em *O Livro da Duquesa*

Quanto às ilustrações de Leonardo Vidal para *O Livro da Duquesa*, cumprem uma função dupla educativa, providenciando certo contexto visual histórico para a narrativa, e atrativa para agradar ao público-alvo infantojuvenil. Descreverei esses dois pontos em mais detalhes agora.

Começando pelo contexto histórico, as ilustrações permitem aos leitores um vislumbre da época em que Chaucer escreveu seu poema. Vestimentas e cenários remetem a fontes medievais que sobreviveram do século XIV, como pinturas, tapeçarias e ilustrações presentes em manuscritos. Da mesma forma, a aparência das principais personagens – o narrador, o cavaleiro e sua amada – foi baseada em representações de Chaucer, John de Gaunt e Blanche de Lancaster, retomando o contexto de criação do poema e as figuras históricas que o cavaleiro e Lady White representam.

De outra forma, mas com o mesmo objetivo em mente, a própria relação das ilustrações com o texto também tem a intenção de remeter ao contexto medieval, pois as imagens tomam a forma de capitulares, como as que se encontram iniciando as páginas de manuscritos medievais. Assim, interagem com o texto e também chamam atenção para o contexto histórico das iluminuras, que eram o tipo de imagem que acompanharia um texto escrito na Idade Média, embora, no caso de *O Livro da Duquesa*, estejam adaptadas para um estilo contemporâneo.

Nesse sentido de atrair o interesse do público-alvo infantojuvenil, as ilustrações contam com um estilo de *cartoon*. Essa arte de traços simplificados tem a característica de destacar o sentido da imagem e dar mais expressividade às personagens, o que cria o efeito de aproximar as ilustrações dos leitores. Conforme afirma Leonardo Vidal:

The result of a simplified approach, then, is the greater involvement of the reader, who is able to understand the essence of the image presented without the complications of the real world – and, by contrast, a more realistic approach alienates the reader because it is more specific. (VIDAL, 2019, pág. 278)

As ilustrações também apresentam linhas arredondadas, que passam um ar simpático (VIDAL, 2019), cumprindo a mesma função de agradar os leitores jovens. As expressões exageradas das personagens ainda acrescentam humor a diferentes momentos da narrativa, por exemplo, destacando o susto do cavaleiro ao ver o narrador (pág. 19).

Outra maneira que as ilustrações procuram atrair o público-alvo da adaptação é apelando para o imaginário que a faixa etária infantojuvenil teria sobre a Idade Média. Apesar de representarem figuras históricas e um momento real do passado, aproximam-se um pouco, também, da ideia dos príncipes e princesas presentes em diversas obras para o público infantil e infanto-juvenil, como é o caso das animações da Disney. Dessa forma, o cavaleiro nas ilustrações, por exemplo, representa John de Gaunt, mas também lembra a imagem que se teria de um príncipe encantado.

CONCLUSÃO

Com esta recontagem, meu objetivo era trazer “O Livro da Duquesa” de Chaucer, uma obra que impactou minha vida acadêmica e pessoal, mas ainda não tem tradução publicada, apesar de ter sido escrita por um importante autor da Inglaterra medieval, para o público brasileiro, mais especificamente infantojuvenil. Acredito que este público-alvo demonstra tanto interesse quanto familiaridade com a Idade Média, devido ao contato com obras de fantasia que frequentemente se inspiram em um cenário medieval europeu. Mesmo que a representação desse período histórico não seja totalmente fiel em tais obras – por exemplo, incluindo mágica e criaturas sobrenaturais, como dragões – há a presença de aspectos da cultura medieval, que também aparecem em “O Livro da Duquesa”. O ambiente dos castelos, noções de feudalismo, caçadas, cavaleiros, damas e certa noção de amor cortês são ideias com que os jovens provavelmente já se depararam em obras de fantasia. Além disso, devido ao fato de descrever um sonho do narrador, “O Livro da Duquesa” traz em si um pouco do encanto que a fantasia também possui, o que o aproximaria dos gostos do público-alvo.

A obra também tem um potencial didático para uso nas escolas, aproximando os jovens ainda mais do momento histórico que retrata. Por ter sido originalmente escrita como uma elegia, um poema fúnebre homenageando a Duquesa Blanche de Lancaster, após sua morte durante uma das epidemias de peste bubônica que assolaram a Europa medieval, “O Livro da Duquesa” têm, por fundo, personagens e fatos reais da história. Pode ser usada também como ponto de partida para abordar acontecimentos posteriores relacionados às figuras envolvidas na história, como a Guerra das Rosas, conflito interno na nobreza inglesa entre a Casa de Lancaster e de York, que nada mais são do que os descendentes de John de Gaunt, marido de Blanche de Lancaster, que dela herdou o título, e os descendentes de seu sobrinho, Richard, para quem serviu de regente. Dessa forma, “O Livro da Duquesa” permite uma visão mais próxima, clara e pessoal de eventos históricos, por detrás de uma narrativa aparentemente fantasiosa que, na verdade, não é apenas um sonho.

Contudo, ao mesmo tempo, a história é interessante por si só, ainda que lida sem conhecimento do contexto histórico que influenciou sua criação. O narrador de “Livro da Duquesa” nos apresenta a temas emocionalmente carregados, de amor e de luto pela perda da pessoa amada, mas com uma profunda mensagem de superação conforme o acompanhamos em seu sonho, em que, ao confrontar a ideia do luto, acaba curado da doença, provavelmente de origem psicológica, que o impedia de dormir. O teor psicológico e o final positivo da narrativa também tornam “O Livro da Duquesa” uma obra interessante para o público

infantojuvenil ou mais velho, em tempos atuais, em que as exigências da vida diária e de acontecimentos mundiais colocam tanta pressão na saúde mental das pessoas, com destaque inclusive para a pandemia do Coronavírus e o luto relacionado a ela, nem tão diferente do que se poderia imaginar do que Chaucer e seus contemporâneos estavam vivendo na Idade Média. A ideia de consolar os sobreviventes, por detrás da criação do poema, e de que há cura mesmo após a perda de um ente amado continua muito atual.

Para tornar a história mais facilmente compreensível e atraente ao público infantojuvenil, porém, foram feitas diversas alterações no poema, criando *O Livro da Duquesa* contido no apêndice e tratado nesta monografia como uma adaptação de “O Livro da Duquesa”, de Chaucer. A escolha do termo foi feita por questão de simplicidade, devido ao fato do texto ter sido modificado – tanto em larga escala, quanto em trechos específicos – pensando, em parte, no caráter educativo de trazer um clássico ao alcance de um público-alvo jovem, além de evitar problemas de *copyright*. Não era o foco deste trabalho se estender em discussões terminológicas sobre a (ausência de) diferença entre adaptação e tradução, principalmente quando se leva em conta teorias de tradução como as de Nord e de Vermeer e Reiss, embora esse assunto também tenha sido abordado.

Além da passagem do texto de poesia para prosa, *O Livro da Duquesa* diverge da obra de Chaucer, principalmente, na forma usada para retomar a mensagem de cura, destacando o papel de alusões aos estudos de “psicologia” medieval em Oxford – que buscavam entender e curar “doenças do coração”, ou seja, emocionais – para aproximar a história de um contexto contemporâneo, análogo à terapia. Também foram feitas pequenas modificações para manter a coerência interna de certos detalhes da narrativa que não são retomados por Chaucer, por exemplo, Morfeu vestindo o corpo de Ceix e o fato de o narrador estar nu em seu sonho, assim como deixar clara a forma como o narrador passa de seu quarto para a cena de caçada no sonho. Por fim, diversas referências clássicas ou relacionadas às ciências medievais foram excluídas, generalizadas ou receberam explicações no texto.

Acima de tudo, minha esperança é que *O Livro da Duquesa* prove ser uma história agradável de ler, principalmente para a faixa etária infantojuvenil, mas também para leitores de outras idades que se vejam interessados por literatura medieval, mas não tenham o conhecimento prévio da língua ou da cultura de tal período histórico de que necessitam para compreender a obra com facilidade. Com isto, meu objetivo ao recontar “O Livro da Duquesa” de Chaucer já estará cumprido.

REFERÊNCIAS

- CAIN, John. Obituary: Brian Stone. **Independent**. 1995. Disponível em: <https://www.independent.co.uk/news/people/obituary-brian-stone-1609912.html>. Acesso em: 01 mar. 2022.
- CHAUCER, Geoffrey. **Book of the Duchess: A dual-language edition**. Tradução para inglês moderno de Gerard NeCastro. Vancouver: The Primavera Press, 2017.
- CHAUCER, Geoffrey. **Love visions**. Tradução para inglês modern de Brian Stone. New York: Penguin, 2006.
- GARDNER, John. **The life & times of Chaucer**. New York: Open Road Media, 2010.
- HUTCHEON, Linda; O'FLYNN, Siobhan. **A theory of adaptation**. 2. ed. New York: Routledge, 2013.
- JOHNSON, William C. Art as discovery: The aesthetics of consolation in Chaucer's 'Book of the duchess.' **South Atlantic bulletin**, Atlanta, vol. 40, no. 2, p. 53–62. 1975. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/3199188>. Acesso em: 27 jul. 2022.
- LIDDELL, Henry George; SCOTT, Robert. **A Greek-English lexicon**. Oxford: Clarendon Press, 1940.
- NECASTRO, Gerard. Introduction. In: CHAUCER, G. **Book of the duchess: A dual-language edition**. Vancouver: The Primavera Press, 2017.
- OITTINEN, Riitta. **Translating for children**. New York: Garland Publishing, 2002.
- PALMER, J. J. N. The historical context of the 'Book of the duchess:' A revision. In: **The Chaucer review**, University Park, vol. 8, no. 4, p. 253-61. 1974. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/25093276>. Acesso em: 18 nov. 2021.
- PHILLIPS, Helen. Structure and consolation in the 'Book of the duchess.' In: **The Chaucer review**, University Park, vol. 16, no. 2, p. 107–18. 1978. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/25093784>. Acesso em: 18 nov. 2021.

PRIMAVERA PRESS, The. The Young Troubadour Press – Our Catalogue. **The primavera press**. [S.l.] c.2011. Disponível em: <http://primaverapress.com/troubadourbooks.html>. Acesso em 01 mar. 2022.

PRIOR, Sandra Pierson. Routhe and Hert-Huntyng in the ‘Book of the Duchess.’ In: **The journal of English and Germanic philology**, Champaign, vol. 85, no. 1, p. 3–19. 1986. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/27709598>. Acesso em: 18 nov. 2021.

SHOAF, R. A. Stalking the sorrowful h(e)Art: Penitential lore and the hunt scene in Chaucer’s ‘The book of the duchess.’ In: **The journal of English and Germanic philology**, vol. 78, no. 3, p. 313–24. 1979. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/27708503>. Acesso em: 29 ago. 2022.

SKEAT, Walter William (Ed.). **Chaucer: The minor poems**. Oxford: Clarendon Press, 1888.

Shippey, T. A. Chaucer’s arithmetical mentality and the “Book of the duchess.” In: **The Chaucer review**, vol. 31, no. 2, 1996, pp. 184–200. JSTOR, <http://www.jstor.org/stable/25095972>. Accessed 1 Jun. 2022.

VIDAL, Leonardo Pogliá. **The root of all evil: Tradition and morphology in Alan Moore’s Swamp thing**. Orientadora: Sandra Sirangelo Maggio. 2019. Tese (Doutorado) – Curso de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/202449/001107862.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 02 ago. 2022.

WEST LIBERTY UNIVERSITY. Dr. Gerard NeCastro. **West Liberty University**. West Liberty. c.2017. Disponível em: <https://westliberty.edu/english/faculty/dr-gerard-necastro/>. Acesso em 01 mar. 2022.

APÊNDICE: *O LIVRO DA DUQUESA*

Adaptação: Caroline Winge

Ilustrações: Leonardo Pogleia Vidal

O Livro da Duquesa



á oito anos eu não conseguia dormir. Nem pregar o olho podia, por um segundo que fosse, dia ou noite. Fizesse chuva ou fizesse sol, luar ou escuridão, inverno e verão, quando eu deitava a cabeça no travesseiro o sono sumia. Às vezes, um amigo perguntava, ao me ver dando de cara nas paredes como um sonâmbulo:

- Mas que tem de errado, homem, que essa insônia não passa?

Quem dera eu soubesse! Se encontrasse a resposta, talvez parassem esses pesadelos que me perseguiam mesmo

estando acordado, as imagens horríveis passando diante de meus olhos e os pensamentos ainda piores rodando, sem parar, na cabeça, enquanto o cansaço crescia tanto que eu não conseguia me importar com mais nada do mundo real. Tudo tinha a mesma cara para mim, por estar tudo envolto na mesma névoa de sono. Nada mais me trazia felicidade, nem tristeza: eu sentia apenas medo, o tempo inteiro, de acabar morrendo por falta de descanso.

Cheguei a um ponto em que não sabia mais o que fazer. Essa doença que eu tinha nem os médicos da universidade sabiam curar, embora tenham feito muitos avanços, hoje em dia, nos estudos das tristezas do coração humano.

Foi de modo muito estranho que meu problema se resolveu. Vai até parecer mentira se eu contar, mas juro que tudo que eu disser é a mais absoluta verdade.

Certa noite eu estava, como de costume, no meu quarto, sem conseguir dormir. Assim, para fazer as horas passarem mais depressa, pedi a um criado que me trouxesse um livro para ler. Também poderia ter matado tempo jogando xadrez ou gamão com aquelas sombras no canto da

parede (jogavam muito bem, as minhas velhas companheiras de insônia), mas dessa vez preferi ler para me distrair.

Era um livro que eu ainda não lera. Nele desenrolavam-se relatos da vida de diversos reis e rainhas há muito mortos.

Entre essas histórias, encontrei uma especial - maravilhosa! - que chamou minha atenção. Vou resumi-la aqui. Para entenderes o que aconteceu, caro leitor, é importante a conheceres desde já.



ma vez, há muito tempo atrás, havia uma rainha chamada Alcione, que era casada com um rei chamado Ceix, a quem era muito fiel. Os dois viviam muito felizes em seu reino na Grécia.

Entretanto, pouco depois do casamento, Ceix precisou fazer uma viagem, cruzando o oceano - o que é sempre uma coisa perigosa - e durante essa viagem o barco em que estava foi atingido por uma tempestade. O céu escureceu como se fosse noite; as nuvens pesadas, cor de chumbo, quase tocavam os mastros da embarcação, e a chuva era como uma densa cortina prateada, que não deixava enxergar nada para além do convés. O vento, de tão forte, rasgou as velas em pedaços. As ondas, muito altas, jogavam o barco como um brinquedo de um lado para o outro: quando varriam o convés, arrastavam dez marinheiros por vez para o fundo do mar.

Ah! Só quem já viu o mar em fúria sabe como é!

Frente a uma tempestade tão terrível, Ceix não teve como se salvar. O vento acabou quebrando o mastro do barco, o casco se partiu em dois como uma noz, e todos caíram no mar, onde se afogaram. Do navio e dos marinheiros que acompanhavam Ceix, nada jamais se viu ou ouviu falar novamente.

Nem uma lasquinha de madeira chegou à praia para contar a história. Até mesmo do rei, por muito tempo, não houve notícias.

Alcíone não fazia ideia do que acontecera, então não parava de chorar. Para ela, só importava que Ceix retornasse são e salvo, mas ele estava demorando demais, e isso a preocupava.

Com o passar do tempo, ela foi ficando cada vez mais angustiada. Essa angústia se acumulou e se transformou em um medo horrível do que poderia ter acontecido. A pobre rainha chegou a tal estado de saudades e terror que não conseguia pensar em mais nada. Todos os que nela pousavam os olhos partiam com um peso no coração, lamentando a sorte do casal.

A rainha Alcíone enviara mensageiros a norte e sul, leste e oeste, para descobrir que fim levara Ceix, mas todos voltavam sem respostas. O rei parecia ter desaparecido da face da terra. O que era verdade, uma vez que seu corpo repousava no fundo do mar.

Até eu fiquei triste de ler essa história! Pois, adivinhando que Ceix estava morto (apesar de não ter certeza), Alcíone derramava lágrimas sem fim e jurara não comer nem dormir até que recebesse notícias do seu amado. Ela estava a ponto de desmaiar de fraqueza quando o

último mensageiro regressou de mãos vazias. Foi a gota d'água.

Naquela hora, Alcíone fez uma promessa à deusa Juno, a quem cultuava. Caiu de joelhos e implorou, com o rosto banhado em lágrimas:

- Por favor, tenha piedade, minha senhora, e me ajude nessa hora tão difícil. Permita que eu reveja meu amado em breve. Se isso não for possível, pelo menos me mande um sinal nos sonhos desta noite, para que eu saiba se ele ainda está vivo, ou se devo perder as esperanças. Em troca, lhe ofereço até a minha própria vida! Farei tudo que a senhora desejar!

Alcíone desmaiou assim que terminou o juramento. Estava fria como gelo, como se já estivesse morta, embora ainda respirasse. As criadas a ergueram do chão e, com cuidado, carregaram-na para a cama.

De tanto chorar, a rainha havia ficado sem forças e caído num sono profundo como a morte, que nada tinha de natural. Era um feitiço, lançado sobre ela pela deusa Juno, que escutara seu pedido.



deusa, do alto do Monte Olimpo, de onde assistia àquela tragédia, mandou chamar um mensageiro. Quando este chegou, deu-lhe uma ordem:

- Vá depressa atrás de Morfeu, o deus dos Sonhos. Diga a ele para encontrar o cadáver do rei Ceix, que repousa no fundo do mar, para vesti-lo como uma roupa e levá-lo até sua esposa. Alcione está sofrendo, sem saber por que o marido ainda não voltou da viagem. Morfeu deve contar a ela (mas sem entrar em detalhes mórbidos!) que o rei morreu afogado. E ele precisa fazer o corpo agir e falar exatamente como quando estava vivo! Diga a Morfeu que foi um pedido meu. Vá voando levar esta mensagem!

O mensageiro saiu voando e logo chegou à morada do deus dos Sonhos, num desfiladeiro onde a luz do sol nunca entrava, que se abria como um talho entre dois penhascos. Lá não crescia nada, nem mesmo uma folhinha de grama,

nem vivia nenhum animal; no entanto, umas fontes escorriam sussurrando pela face da rocha, criando uma música sonolenta, tão doce quanto uma canção de ninar.

No fundo do desfiladeiro, as fontes se uniam para formar um córrego, que (resmungando de sono) passava diante de uma caverna, dentro da qual repousavam Morfeu e seu filho. Os dois passavam o dia inteiro naquela escuridão cavernosa, que nunca se alumia, numa competição de roncos como jamais se viu. Sentados ou deitados, no chão ou no colchão, estavam sempre dormindo.

O mensageiro pousou na frente da caverna e foi entrando, embora não enxergasse bulhufas no escuro. Já que a deusa Juno lhe mandara ter pressa, gritou:

- Ó de casa! Estão todos dormindo? Acordem! Acordem!

Ninguém acordou. Era pesado o sono de Morfeu e do seu filho.

Contudo, depois de muito tatear e tropeçar no escuro (e de muitos palavrões, certamente), o mensageiro seguiu a direção dos roncos até encontrar o deus dos Sonhos e

soprou uma trombeta no seu ouvido. Morfeu entreabriu um olho.

- Olá, quem é você? Que quer comigo?

- Sou um mensageiro de Juno. Ela mandou dizer-

Então o mensageiro repetiu tudo o que Juno ordenara, mas nós não precisamos ouvir isso novamente. Vamos pular adiante.



Morfeu foi obrigado a sair da cama para atender às ordens da deusa. Cruzando terra e mar, ele viajou até o fundo do oceano, onde jazia Ceix, rodeado de algas, em meio aos destroços do naufrágio. O cadáver, além de já ter sido meio devorado pelos peixes, se encontrava em péssimo estado, pois morrera há vários dias, mas não era nada que assustasse um deus.

Com um mero arrepiozinho de nojo, Morfeu vestiu o corpo e levou-o até Alcione.

Quando o deus dos Sonhos visitou a rainha, esta continuava inconsciente após o desmaio. Era uma madrugada escura e silenciosa, horas antes de despontar a aurora: o momento perfeito para assombrações, sonhos estranhos e portentos enviados por deusas do Olimpo.

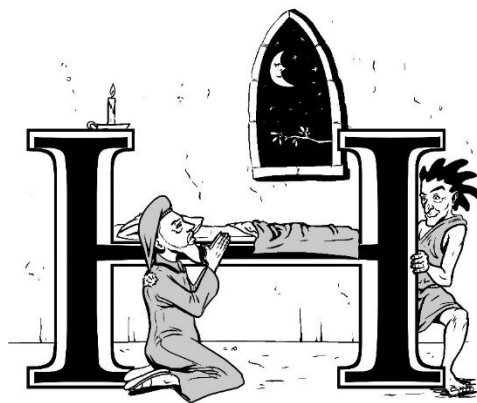
Morfeu parou ao pé da cama e - baixinho, para que Alcione não se assustasse - chamou o seu nome. A voz dele era igual à do rei quando estava vivo e, por sorte, a rainha não tinha um senso de olfato muito apurado para notar o cheiro.

- Alcione! Meu amor e minha rainha, acorde! Vim te dizer que não adianta mais chorar, meu amor, porque estou morto. Meu barco naufragou durante uma tempestade, e todos a bordo se afogaram, então nunca mais me verás nesta vida. Só te peço que enterre meu corpo, que vai surgir na praia daqui a alguns dias, levado pela maré. Adeus, mas saiba que ainda a amo, luz do meu viver! Rezo a Deus para que não sofras mais, apesar de termos passado tão pouco tempo juntos, para um amor que era tão grande!

Alcíone abriu os olhos assim que ele terminou de falar. Enquanto ouvira a voz do marido, ela estivera meio adormecida, meio acordada, naquela terra entre os sonhos e o despertar, mas o silêncio a fez acordar de vez.

Quando olhou ao redor, estava sozinha no quarto, porém não duvidou do sonho que lhe mandara a deusa Juno, conforme o pedido que fizera a ela. Então voltou a chorar, pois soube que Ceix estava realmente morto.

Três dias mais tarde, a rainha Alcíone também morreu: de pesar.



avia mais detalhes

na história, mas não vêm ao caso, por isso os omiti. Faça o favor de me perdoar: tenho um bom motivo para contar essa história, o qual explicarei agora.

É muito simples. Ler esse conto da rainha Alcione, do rei Ceix e do deus dos Sonhos salvou a minha vida.

Nunca antes eu ouvira falar de uma coisa assim! Imagine meu espanto - eu, que só conhecia um Deus até então - quando descobri existir uma divindade capaz de fazer os mortais dormirem ou acordarem como bem entendesse! Imediatamente larguei o livro sobre as cobertas, com uma ideia na cabeça.

A minha volta, o quarto assomava silencioso e (é óbvio) vazio. Já era tarde da noite; eu estava sozinho, e nem as cortinas da cama se mexiam, mas nada disso me impediu de dizer, em voz alta, como se houvesse alguém comigo:

- Bem, se esse tal Morfeu me pusesse para dormir, eu lhe daria o melhor presente que já ganhou na vida! Eu lhe daria um colchão de penas, com lençóis de cetim negro bordados a ouro e mil travesseiros macios com fronhas de Rennes... e também móveis para decorar o quarto dele nessa tal caverna, e mandaria pintar as paredes de ouro puro e daria tapeçarias para pendurar por cima, porque deve ficar muito úmido e desconfortável ali no escuro, à beira de um riacho... Mas, primeiro, eu teria que saber onde fica a

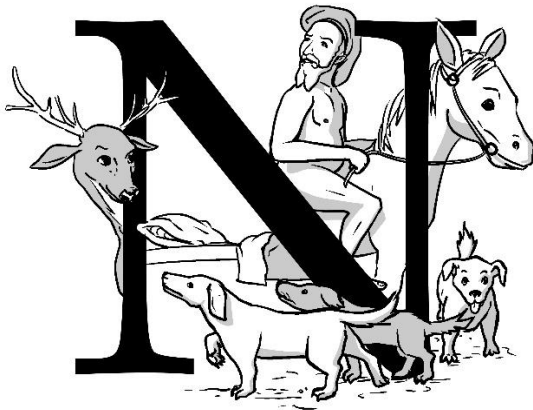
caverna, é claro - acrescentei. - E ele teria que me fazer dormir. Senão, sem acordo!

É claro que eu estava brincando, mas nem tanto. Insônia é assunto sério, e não faria mal se o deus dos Sonhos, por acaso, escutasse o meu pedido. Faria?

- Mas se ele me fizer dormir - eu disse, após pensar um minuto - também mando presentes para a senhora Juno, essa deusa que deve ser muito bela, por sinal, para ele atender assim a todos os seus pedidos, como um cavaleiro servindo a sua dama. Sim, também mando presentes para ela.

Estranho o que aconteceu nesse momento! Mal terminei de falar, fiquei com tanto sono que caí de cara no livro e dormi feito um neném.

Então tive um sonho tão curioso e maravilhoso que nem José do Egito, que decifrou os sonhos do Faraó na Bíblia, teria sido capaz de descobrir o seu significado. Contarei como foi.



o sonho, eu acabara de acordar, muito confortável, nesta mesma cama, mas era um dia diferente. Fazia uma bela manhã de primavera e o sol inundava o quarto, aquecendo o meu corpo. Eu estava completamente nu. Além disso, havia um infinito de pássaros pousados no telhado, logo acima da minha cabeça. Assim que abri os olhos, eles me receberam com um canto que parecia um coro de igreja, de tão melodioso - ou, melhor ainda, uma canção vinda do próprio Paraíso, pois nenhum pássaro do nosso mundo saberia cantar de tal maneira.

Meu quarto também não era mais o mesmo. Todas as janelas eram decoradas com vitrais que narravam a Guerra de Troia, em que Aquiles e Heitor (assim como muitos outros valentes heróis) perderam a vida lutando pela bela Helena, e o sol atravessava os vidrinhos com mil raios coloridos para cair sobre a cama. Já nas paredes do quarto, lia-se linha após linha de versos do *Romance da Rosa*, pintadas em cores vividas e ricamente ilustradas com imagens do maravilhoso jardim onde o jovem narrador tenta conquistar sua amada Rosa.

Era tudo lindo, e fazia um dia fantástico no meu sonho! Não se via uma única nuvem no céu; o tempo estava ameno e ensolarado.

Enquanto eu estava deitado, apreciando a beleza da manhã, ouvi uma trompa de caça ao longe, um pouco desafinada: pareciam estar testando o som. No ar, de súbito, surgiu um zunzum de gente, cavalos e cães de caça preparando-se para sair. Os homens iam conversando sobre como seria magnífica a caçada ao gamo, sobre como perseguiriam esse nobre animal, até o coração da floresta - até que cansasse - para, por fim, poderem alvejá-lo, bem no coração, como Cupido faz com os amantes.

O entusiasmo deles era tamanho que também me contagiou. Pulei para fora da cama no mesmo instante e montei no cavalo, que esperava por mim dentro do quarto (não tente entender como funcionam os sonhos, afinal, eu nem estava vestido). Então, saí para encontrar os caçadores na campina ao lado do castelo.

Quando os alcancei, já estavam em movimento, formando uma longa fila que avançava ligeiro rumo à floresta. Juntei-me a eles e, de início, fiquei em silêncio; contudo, logo perguntei ao rapaz que trotava à minha esquerda, com os cães de caça na corrente:

- Me diga, amigo, quem vai nessa caçada?

- Senhor - respondeu ele - é o imperador Otaviano, que vai logo adiante!

- Já estava na hora, meu Deus! Vamos!

Eu sacudi as rédeas do cavalo, e galopamos até a borda da floresta, onde tivemos que nos separar, cada um para cumprir sua própria função na caçada. O mestre de caça soprou três notas na trompa - o sinal para que se soltassem os cães - e, em seguida, ouvi alguém exclamar que avistara o gamo.

Perseguimos o animal por horas, mas, no fim, ele nos passou a perna e desapareceu. Devia ter encontrado um esconderijo, no qual os cães não conseguiam farejá-lo, pois estes haviam perdido o rastro por completo. Não havia chance de o encontrarem outra vez. O mestre de caça fez soar a trompa para nos reagruparmos.

Eu ainda estava escondido atrás de uma árvore, esperando o gamo aparecer, quando ouvi o chamado, porém, assim que deixei meu esconderijo, um cãozinho veio correndo até mim. Ao chegar na minha frente, atirou-se no chão com o rabo para o alto, como se quisesse brincar.

Tentei apanhar o cãozinho, mas ele fugiu. Então, fui atrás dele.



bichinho me guiou por um caminho cheio de flores, onde crescia uma grama muito tenra e macia de pisar. A trilha não era usada com frequência, embora nos levasse a uma parte ainda mais linda da floresta. A própria Flora, garanto, deve ter escolhido aquele lugar como sua morada.

Mais do que em qualquer outro canto, ali a primavera desabrochava a plenos pulmões. Havia tantas flores pelo chão como há estrelas no céu, e todas as árvores vestiam capas de verde radiante para receber a nova estação. Eram gigantescas, por sinal, essas árvores: apesar de crescerem bem espaçadas, tinham copas tão largas que roçavam umas nas outras, metros e metros acima do solo. Dessa forma, lançavam uma sombra agradável na grama.

Ao pé das árvores, pastavam vinte - cinquenta - cem famílias de gamos, pais, mães e filhotes. Também havia esquilos aos montes, correndo pelos galhos e empanturrando-se de nozes, assim como muitos outros animais, no topo ou debaixo das árvores. Em resumo, a floresta estava tão povoada de bichos que nem os maiores matemáticos da História, se

tivessem aparecido com um ábaco para somar aquelas criaturas, teriam sido capazes de contar todas. Ou, mesmo que o tivessem conseguido, não teriam sabido recontar as maravilhas do meu sonho.

No entanto, logo que me aproximei, os animais debandaram rumo às profundezas da floresta. Fugiram todos em questão de segundos, e sobrei apenas eu, vagando pelo meio das árvores.

O sol sumiu, e o bosque tornou-se mais cerrado. As sombras não eram mais agradáveis, apenas afastando o calor do sol: pareciam escuras. Atravessá-las dava um frio nos ossos, como passar sobre um túmulo.

Pensei estar sozinho em tal lugar, afinal, quem mais quereria estar ali? Contudo, nessa hora, dei-me conta da presença de um cavaleiro vestido de negro, sentado entre as raízes de um enorme carvalho.



rapaz não tinha mais que uns vinte anos e uma barba rala crescendo no rosto. Além disso,

estava tão distraído que não me viu nem ouviu quando parei ao seu lado.

Lembro que pensei com meus botões, nesse sonho:

"Meu Deus, quem será esse homem? Que mal tem para estar aqui sozinho, perdendo a diversão da caçada?"

Afinal, ele estava pálido de dar pena. Na mesma hora, soltou um suspiro e, numa voz chorosa, pensando estar a sós, recitou para si mesmo uns versos tristes. Se me recordo bem, eram assim...

Num duelo, venceu-me a tristeza.

Não resta no mundo mais beleza,

Só dor, agora que minha amada,

Tão jovem e bela, como uma fada,

Morreu e sozinho me deixou.

Oh, morte, mas por que a levaste?

E minh'alma também não ceifaste?

Quando roubaste minha amada,

Boa como branca pomba alada,

Que eu queria de todo o coração!

Em bondade ela não tinha comparação!

Assim que terminou o poema, o rapaz estremeceu, e fugiu-lhe todo o sangue que ainda restava no rosto. Sua pele ganhou um ar frio e, inclusive, meio esverdeado: parecia prestes a desmaiar, ou até mesmo a morrer de tristeza.

Fiquei tão assustado que dei um passo adiante para ampará-lo, caso precisasse.

- Com licença, senhor! Está passando mal?

Ele, porém, não respondeu. Só reparou em mim vários segundos depois, quando eu já não sabia mais o que fazer para chamar sua atenção. Então, ele ergueu os olhos, e eu fiz o gesto de tirar o chapéu para demonstrar educação, esquecendo que não estava vestido. Era como se eu estivesse e não estivesse ao mesmo tempo: coisa de sonho.



rapaz deu um pulo ao me ver.

- Perdão! Eu não o tinha notado!

- Não, não, eu que peço desculpas por incomodar. O senhor estava tão concentrado! - respondi, segurando o chapéu invisível contra o peito.

- Não precisa se desculpar...

Quem o ouvisse falar nem acreditaria que estava pálido de morte, suspirando ao pé do carvalho dois minutos atrás. Tinha um ar tão tranquilo e educado! Simpatizei com ele de imediato, então tentei puxar assunto para saber mais a seu respeito.

- Senhor, na minha opinião, a caçada está arruinada! Aquele gamo com certeza nos escapou. Agora ninguém mais vai conseguir encontrá-lo, nem os caçadores nem os cães, em lugar nenhum.

- Para ser sincero, isso não importa para mim. Estou com outras coisas na cabeça.

- Sim, posso ver muito bem, pela sua cara! Mas, meu caro senhor - acrescentei - se aceita um conselho, deveria falar com alguém sobre o seu problema. Não quer me contar o que aconteceu? Se Deus quiser, talvez eu possa ajudá-lo. Ou, pelo menos, vai se sentir melhor depois de falar a respeito.

O rapaz me olhou de soslaio, com uma expressão que dizia: "não, duvido muito". Em voz alta, porém, respondeu:

- Agradeço a intenção, meu amigo, mas meu sofrimento é do tipo que homem nenhum tem poder de curar. Nem Hipócrates ou Galeno, os maiores médicos da História, saberiam tratar a minha doença. Foi a Morte quem roubou minha razão de viver: é tão minha inimiga que foge quando a procuro para acertar contas e se recusa a me receber. Quem me vê hoje em dia pode dizer, sem mentir, que conheceu o Desgosto, pois desgosto é só o que eu tenho. Estou doente de pesar!

- Meu Deus, é um caso sério! Mas, por favor, não se desespere. O que aconteceu para lhe causar tamanha tristeza?

- A Sorte, aquela traidora... - o rapaz sussurrou com raiva. - Me convidou para um jogo de xadrez, toda sorrisos, mas é um demônio coroado de flores, uma serpente venenosa. Cada vez que gira sua Roda da Fortuna, nos engana com promessas e, então, rouba tudo o que temos. Foi assim que me enganou, com várias manobras traiçoeiras que me fizeram perder a minha rainha!

- Como assim?!

- Depois disso, não consegui mais jogar. Eu disse "adeus, adeus, luz da minha vida", mas, quando estava me levantando, a Sorte me bateu com um peão e gritou "cheque mate!" Então me deixou chorando no chão, implorando a Deus que me tivesse feito estudar xadrez direito enquanto ainda tinha chance. No fim, a Sorte levou o que eu tinha de mais precioso no mundo, e não pude fazer nada. O que mais eu poderia desejar agora,

além da morte? Não importa em que casa andam os planetas: desde aquele dia, só me trazem dor!



rapaz enterrou o rosto nas

mãos. Lágrimas brotaram dos seus olhos.

Ao ouvi-lo, tão jovem, falando assim, até eu fiquei triste. Apoiei a mão no ombro dele para tentar consolá-lo.

- Não diga isso! Tenha fé em Deus, que não o faria sofrer por nada, não é verdade? Dizem que Sócrates, o grande filósofo, não levava a sério nada que a Sorte lhe fizesse. É só um contratempo, o que vale é não desistir!

- Não, eu sinto muito, mas não consigo fazer isso - ele suspirou.

- Mas seria pecado jogar fora a própria vida, mesmo se tivesse perdido mil jogos de xadrez para a Sorte! Ouvem-se muitas histórias de

antigamente, de gente que morreu por problema semelhante, mas já estamos no século XIX! Hoje em dia, não há mais quem chegue a esses extremos por ter perdido algumas peças numa jogada, graças a Deus. Ouvi dizer que, na Universidade de Oxford, os médicos estão achando formas de perseguir a tristeza, como numa caçada, até o coração do paciente, para acabar com ela! - eu disse, atacando ar com uma espada invisível. - Então, não é preciso mais chegar a esse ponto. Ainda mais que foi apenas um jogo, e há muitas outras chances por vir.

Aquele jovem cavaleiro vestido de negro me encarou de um jeito estranho. Em seguida, sacudiu a cabeça.

- Não, não é bem como você diz, mesmo nos dias de hoje. Acho que está enganado, ou, então, não entendeu nada. Não faz ideia do que perdi.

- Perdão, senhor. Então me explique, eu lhe peço. O que aconteceu para ter perdido a esperança? Pode contar a história inteira, que não me importo.

- De bom grado, mas com uma condição: sente aqui e escute com atenção dessa vez.

A um gesto dele, eu me abanquei ao seu lado, ao pé do carvalho, tentando ignorar a sensação de sentar nu no chão da floresta. O rapaz pigarreou e, então, começou a história.

- Desde muito jovem, fui vassalo do Amor, esse nobre soberano. Desde que tive idade suficiente para entender como é belo dedicar a vida a serviço de uma dama, paguei tributo ao Amor e rezei para que ele me enviasse uma amada, para que eu a cobrisse de honras em seu nome. Mesmo assim, ele demorou a atender a minha prece. Afinal, eu ainda era jovem e inconstante, com um coração que nunca pousava no mesmo lugar por muito tempo.

- Entendo, é normal...



rapaz me fez sinal de que ainda não terminara. Lembrando minha promessa, deixei-o continuar.

- Até que, um dia, me deparei com o mais belo grupo de moças em que já havia posto os olhos. Eram uma visão radiante... - A expressão dele se ensombreceu. - Eram obra da Sorte traiçoeira, que me levou até

elas, só para, mais tarde, arrebatá-las tudo que eu amava! Pois, no meio de todas essas moças, havia apenas uma da qual eu não conseguia tirar os olhos. Juro, sem mentir, que ela era como o sol que suplanta a lua e todas as estrelas com sua luz. Era a mais bela, a mais educada e a mais graciosa. Essa era a minha amada. Nunca, no mundo inteiro, se viu maior tesouro! Ninguém dançava, cantava ou ria tão lindamente quanto ela, e sua voz era sempre tão gentil, tão sincera! Cada fio de cabelo dela era ouro puro, e que olhos ela tinha! Bondosos, bem-humorados, honestos, encantavam qualquer um que olhasse para ela. E que rosto meigo! Meu coração dói tanto ao pensar nela... Era rosinha como uma flor; ainda vejo o rosto dela sempre que fecho os olhos, como se estivesse bem na minha frente... Não havia um traço de maldade naquele rosto. Ela era sempre amável. Nunca feriu ninguém com uma palavra cruel, porque fazia o bem com gosto. E que garganta de cisne, branca e macia, ela tinha! Toda ela, da cabeça aos pés, era um primor. Eu não conseguia parar de pensar nela, na minha boa e bela Branca, e se ela não estivesse presente, até uma festa de dez mil pessoas parecia deserta para mim. Mesmo que não ganhasse nada em troca, eu teria escolhido servi-la em vez de qualquer outra donzela.

- Sim, sim... - tentei dizer.

O rapaz, porém, não prestou a menor atenção em mim.

- Se ela soubesse de todos os que flechou de morte no coração, com um mero olhar! Mas não sabia... ou, mesmo que soubesse, não se importava, porque não estava interessada. Mas também não brincava com os sentimentos de ninguém por causa disso! Nunca fez desses truques de mandar cavaleiros a terras distantes, escalar montanhas, atravessar desertos e outros feitos heroicos para conquistar seu amor, sabendo que desistiriam assim. Era sempre direta e sincera, foi isso que roubou meu coração. Era a luz da minha vida, minha deusa; eu pertencia todo a ela!

- Sim, pelo amor de Deus, eu acredito! Não sei onde você teria arranjado uma moça melhor a quem servir.

- Melhor? Nem igual a ela seria possível encontrar! Nenhuma chegava aos seus pés!

- Desculpe, eu acredito, acredito, senhor! Acredito que era a melhor mulher que já existiu, e a mais bela de todas também. - Praticamente revirei os olhos, ao acrescentar num sussurro: - Pelo menos para quem olhasse com os seus olhos. Afinal, dizem que o amor é ceg-

No entanto, o rapaz apanhou o que eu dissera. Ele ficou, é claro, furioso.

- Garanto que não! Todos que a viram juram que é verdade... E, mesmo se não fosse, eu ainda a acharia a melhor de todas e escolheria, de

bom grado, sempre e somente ela! Enquanto estiver vivo, jamais irei esquecê-la. Pois, se desde o primeiro instante que a vi...

- Meu caro senhor, já me contou tudo isso! Não há necessidade de repetir - Por sorte, consegui interrompê-lo antes que retomasse toda a história e os elogios desde o início. - Em vez disso, porque não me conta como falou com ela, ou como ela reagiu à sua confissão. E, quando tiver terminado, por favor, conte também qual foi essa perda terrível que sofreu, da qual estava falando antes.

A mudança que esse lembrete causou no rapaz! No mesmo instante ele empalideceu, apoiou a cabeça nas mãos e repetiu, suspirando:

- Você não entende! Eu perdi muito mais do que imagina!

E eu já estava perdendo a paciência, isso sim.

- Mas o que foi que perdeu? Por acaso ela não o amava da mesma forma? É essa a razão do seu sofrimento? Ou fez algo para irritá-la, então ela o deixou, dizendo que nunca mais queria vê-lo? Pelo amor de Deus, meu bom homem, conte logo o que aconteceu!

- Eu era jovem demais da primeira vez que a vi. Foi tanto tempo perdido... - Ele soluçou, sacudindo a cabeça. - Fiz de tudo para servi-la, de acordo com o que o Amor me ensinara, mesmo que ainda tivesse muito a aprender. Escrevi canções sobre ela e, às vezes, até as cantava em voz

alta, embora nunca na sua frente. Mas ela era tão importante para mim que não tinha coragem de me confessar.

- Então não contou nada a ela?!



le baixou a cabeça

e enterrou as mãos no cabelo. Surpreendi-me ao ouvi-lo dizer:

- Conteí. Chegou um dia em que não consegui mais esconder. Achei que ia morrer se continuasse assim, embora ficasse toda hora duvidando, "mas e se ela ficar brava?", até parecer que meu coração ia explodir. No fim, consegui me convencer de que nenhuma mulher tão boa e bela quanto ela poderia ter nascido sem misericórdia, então conteí. Nem sei como foi - ele admitiu. - Estava tremendo de pavor e acabei deixando de fora metade das coisas que queria dizer, por

medo de que ela as interpretasse mal. E, quando terminei, estava tão envergonhado que não conseguia olhar para ela; só me curvei na sua frente, implorando "tenha piedade de mim, senhora!" Então fiquei quieto, porque juro que minha visão escureceu! Pareceu levar horas para eu voltar a mim e pedir que ela fosse minha amada, que eu faria de tudo para proteger sua honra. Mas terminei prometendo assim: "porque serei todo seu para todo o sempre e serei fiel também, a não ser nos sonhos, eu serei, que Deus me ajude!" E sabe o que ela disse então?

- O quê?

- "Não."

Tive de me calar diante da gravidade da situação. Enquanto isso, o rapaz continuou a história:

- Nem tive coragem de dizer mais nada. Apenas fugi e, depois, passei semanas chorando. Já acordava com a Tristeza me esperando ao pé da cama.

- Sinto muito - respondi - e me perdoe por tocar no assunto. Deve ter sido recente...

- Não, você se engana. Na hora, achei que tivesse sido ferido de morte. - Ele suspirou outra vez. - Passei

meses num estado terrível, enquanto me recuperava, mas, depois, parei para pensar em como me expressei mal naquele dia. Quem sabe, tudo que eu estava sofrendo não passava de um mal-entendido, por minha própria culpa? Então, como eu ainda a amava, tentei explicar melhor meus sentimentos. Mais ou menos um ano já havia se passado, mas, dessa vez, quando nos falamos, ela entendeu que eu só tinha boas intenções, que queria proteger a honra dela acima de tudo, que não pensava senão em servi-la e nunca lhe quisera nenhum mal. Então ela me concedeu o seu anel. Foi como se tivesse me trazido de volta à vida!

Eu sorri. Até no rosto tristonho do rapaz, passou um ligeiro sorriso, e um toque de cor surgiu em seu rosto : mesmo que fosse apenas por um momento, ele estava relembrando dias felizes.

- Aquela doce criatura trouxe paz ao meu coração. Sempre me perdoava dessa maneira, com a maior cortesia, quando eu estava errado. É como se nossos corações formassem um par tão perfeito que nunca se desentendiam. Sentíamos sempre o mesmo; compartilhávamos tanto a alegria quanto a tristeza, e nunca veio uma única briga para nos separar. Assim vivemos juntos, por anos e anos, em tamanha harmonia que eu nem saberia como descrever.

- E onde está ela agora? - perguntei. - Está aqui perto? Também veio acompanhar a caçada?

De tanto ouvir falar naquela moça, havia despertado em mim o interesse em conhecê-la. O rapaz, contudo, perdeu a cor assim que mencionei o assunto. Sua voz falhou.

- Agora...?

Ele me pareceu frio e imóvel, feito o mármore sem vida. De repente, começou a chorar e se lamentar.

- Ai, por que ainda estou vivo? Por que a Sorte fez isso comigo? Não se lembra de como eu disse que havia perdido tudo, muito mais do que você imagina? Foi ela que perdi!

- Como assim?

- Ela está morta!

- Não pode ser!

O choque me deixou sem palavras. Também com um nó na garganta, o rapaz confirmou que era verdade, sacudindo a cabeça desalentado, enquanto lágrimas lhe corriam pelo rosto.



indo de muito longe,
mas em alto e bom som, ouviu-se outra vez a
trompa de caça chamar. A caçada chegara ao fim.

Apesar da distância que me separava dos outros
caçadores, vi o imperador, seguido de toda a sua comitiva,
retornando velozmente até um castelo branco, que refletia ao
sol no alto de uma colina. O galope de tantos cavalos soava
como um trovão. Ao cruzarem o portão do castelo,
desapareceram todos de vista por detrás das paredes alvas.

Então um sino, dentro do castelo, tocou doze
badaladas. Na última delas, acordei de sobressalto.

Eu continuava deitado na cama, com o livro que
contava a história de Alcione, Ceix e do deus dos Sonhos
aberto no colo, mas o sonho parecera tão real que passei um
bom tempo confuso, sem saber o que era verdade e o que era
minha imaginação. Além disso, foi um sonho tão fantástico!

Não consigo mais tirá-lo da cabeça. A conversa com aquele rapaz - o cavaleiro de trajes negros - me marcou muito, mesmo depois de eu acordar. Precisei escrever tudo que vira, o mais depressa possível, para não esquecer nenhum detalhe.

E sabe o que é mais maravilhoso? Desde aquela noite, minha insônia sumiu: estou curado. Não foi um caso estranho esse que me aconteceu?

Fim